



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS POETA TORQUATO NETO
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS

TERESA DE FÁTIMA NAYARA DE OLIVEIRA NOGUEIRA

**VIOLÊNCIA DE GÊNERO E SUBMISSÃO FEMININA NA OBRA *DENTRO DE TI
VER O MAR*, DE INÊS PEDROSA**

TERESINA/PI
2024

TERESA DE FÁTIMA NAYARA DE OLIVEIRA NOGUEIRA

**VIOLÊNCIA DE GÊNERO E SUBMISSÃO FEMININA NA OBRA *DENTRO DE TI
VER O MAR*, DE INÊS PEDROSA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras - Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) campus Poeta Torquato Neto, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Licenciada em Letras Português.

Orientadora: Prof.^a Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos.

TERESINA/PI

2024

N774v Nogueira, Teresa de Fatima Nayara de Oliveira.

Violência de gênero e submissão feminina na obra Dentro de ti
ver o mar, de Inês Pedrosa / Teresa de Fatima Nayara de Oliveira
Nogueira. - Teresina, 2024.
79f.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí -
UESPI, Curso de Licenciatura Plena em Letras Português, Campus
Poeta Torquato Neto, Teresina - PI, 2024.

"Orientadora: Professora Dra. Silvana Maria Pantoja dos
Santos".

1. Sociedade patriarcal. 2. Relações de gênero. 3. Opressão
feminina. I. Santos, Silvana Maria Pantoja dos . II. Título.

CDD 469.02

TERESA DE FÁTIMA NAYARA DE OLIVEIRA NOGUEIRA

**VIOLÊNCIA DE GÊNERO E SUBMISSÃO FEMININA NA OBRA *DENTRO DE TI
VER O MAR*, DE INÊS PEDROSA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras - Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) campus Poeta Torquato Neto, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Licenciada em Letras Português.

Aprovada em: 17 de dezembro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos – (Orientadora).
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Professora Dra. Algemira Macêdo Mendes
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Professora Dra. Maria Suely de Oliveira Lopes
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Dedico esta monografia a todas as mulheres fortes e corajosas, que enfrentam diariamente os desafios impostos pela sociedade patriarcal. A elas, que carregam dentro de si o fardo da desigualdade e da opressão; mulheres resilientes, quebrando barreiras e superando limites, as quais são verdadeiras inspirações para todas nós. Sei que seus caminhos muitas vezes são íngremes, mas é justamente nas adversidades que revelam sua grandeza, portanto, desafiam o status quo, reivindicam seu espaço e lutam por igualdade. Então dedico minhas palavras de amor, gratidão e apoio.

São mulheres que, a cada passo, estão escrevendo uma nova narrativa, uma história de empoderamento e libertação. Elas são a prova viva de que não existe limites para alcançar seus ideais e, juntas, somos capazes de transformar a sociedade.

A todas as mulheres que foram silenciadas, menosprezadas e desacreditadas, as quais são dignas de respeito, amor e igualdade. Estejam elas lutando por direitos, quebrando estereótipos ou simplesmente vivendo suas vidas com autenticidade, saibam que, juntas, podemos tornar o mundo um lugar melhor e mais inclusivo para todas as mulheres.

Então, a cada mulher que está lendo este texto, esta dedicatória é para você. Seja orgulhosa de quem você é, nunca deixe que os padrões opressores definam seu valor. Mantenha-se forte, empoderada e determinada a seguir em frente. A sua existência, em si, é uma resistência.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Alzenira, mestre na arte de ensinar que a vida deve ser vivida com alegria e retidão, mesmo que o mundo aponte caminhos muito difíceis a serem trilhados. Grata por todo apoio incondicional, amor e compreensão ao longo dessa jornada acadêmica. Sua presença constante, esforço, trabalho árduo e incentivo foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

À minha orientadora, Prof.^a Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos, pelos ensinamentos valiosos e pela confiança depositada em mim. Seu apoio e orientação foram essenciais para o desenvolvimento deste estudo.

Aos professores e professoras da Universidade Estadual do Maranhão pelas contribuições para a minha formação acadêmica, em especial aos que me ajudaram a aprofundar meu conhecimento na área.

À Universidade Estadual do Piauí onde realizei meu curso, por proporcionar um ambiente propício ao aprendizado e crescimento intelectual.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, o meu sincero agradecimento.

“O problema é que as palavras, as que são ditas e as que ficam por dizer, alteram as reações entre as pessoas e, por consequência, a história do mundo. A literatura apenas testemunha esse fenômeno”.

(Inês Pedrosa)

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade analisar a condição da mulher nas relações de gênero na obra *Dentro de ti ver o mar*, de Inês Pedrosa. Para tanto, são enfatizadas questões relacionadas ao papel social representado pelas personagens femininas inseridas em diferentes formas de opressão, em meio à dominação masculina. É pertinente também verificar como a construção das personagens delineiam os traços comportamentais do ser feminino que demarcam a superioridade masculina, contribuindo, assim, para a opressão histórica feminina, pela conotação religiosa, social e promulgação de leis que, notoriamente inibiram na gênese humana o desvalor da condição feminina. Trata-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfica, que adota uma perspectiva interdisciplinar pautada no pensamento de Simone de Beauvoir (2016), Foucault (1999), Pierre Bourdieu (2012) e Heleieth Saffioti (2015). Com isso, a partir de uma articulação de diferentes epistemes, propõe-se construir uma abordagem compreensiva da violência e submissão contra as personagens femininas, sobretudo no que tange à violência simbólica. Constatou-se com a pesquisa que a obra *Dentro de ti ver o mar* retrata a condição da mulher nas relações de gênero, evidenciando as diversas formas de opressão impostas às personagens femininas.

Palavras-chave: sociedade patriarcal, relações de gênero, opressão feminina. *Dentro de ti ver o mar*.

ABSTRACT

This work aims to analyze the condition of women in gender relations in the work *Dentro de ti ver o mar*, by Inês Pedrosa. To this end, issues related to the social role played by female characters inserted in different forms of oppression, amid male domination, are emphasized. It is also pertinent to verify how the construction of the characters delineate the behavioral traits of the female being that demarcate male superiority, thus contributing to the historical oppression of women, through the religious and social connotation and promulgation of laws that notoriously inhibited human genesis. the devaluation of the female condition. This is, therefore, a bibliographical research, which adopts an interdisciplinary perspective based on the thoughts of Simone de Beauvoir (2016), Foucault (1999), Pierre Bourdieu (2012) and Heleieth Saffioti (2015). With this, from an articulation of different epistemes, it is proposed to build a comprehensive approach to violence and submission against female characters, especially with regard to symbolic violence. The research found that the work *Dentro de ti ver o mar* portrays the condition of women in gender relations, highlighting the various forms of oppression imposed on female characters.

Keywords: patriarchal society, gender relations, female oppression. *Dentro de ti ver o mar*.

SUMÁRIO

| | | |
|-----|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 | SUBMISSÃO E VIOLÊNCIA FEMININA NA SOCIEDADE PATRIARCAL | 12 |
| 2.1 | A construção de papéis de gênero na sociedade patriarcal | 15 |
| 2.2 | Violência contra mulheres como manifestação do patriarcado | 17 |
| 3 | INÊS PEDROSA: VIDA, OBRA E RECEPÇÃO CRÍTICA | 21 |
| 3.1 | Inês Pedrosa e a produção literária | 22 |
| 3.2 | O lugar de Inês Pedrosa na literatura portuguesa contemporânea | 25 |
| 4 | CORPO COMO UM LÓCUS SUBSERVIENTE DO AMOR EM <i>DENTRO DE TI VER O MAR</i> | 27 |
| 4.1 | Desconstruindo a submissão: violência conjugal e a luta contra o patriarcado | 30 |
| 4.2 | Do sofrimento à liberdade: como a decisão do divórcio reinventou a vida de Penélope | 38 |
| 4.3 | Infância, beleza e o papel dos pais: uma abordagem crítica à sociedade patriarcal | 41 |
| 4.4 | Emocionalmente subjugada: a perspectiva da submissão afetiva de Rosa | 48 |
| 4.5 | Silenciada: o assassinato do feto de Svetlana | 55 |
| 4.6 | Gabriel e a ilusão: a traição masculina como instrumento de submissão feminina no labirinto patriarcal | 57 |
| 4.7 | Refletindo sobre a liberdade de escolha feminina na mensagem do Alcorão | 66 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 73 |
| | REFERÊNCIAS | 76 |

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do contexto histórico, a dominação masculina esteve relacionada à violência física e simbólica contra a mulher, cujo ser se constitui para o outro, tem não apenas lhes atribuído o destino, estabelecendo-lhes condutas, como também, lhes colocado em estado de infindável insegurança corporal. Conforme Bourdieu (2012) para compreender esse cenário dicotômico enfatiza o fenômeno de imposições que posicionam o homem no lugar de prevalecente e a mulher no papel de subjugada.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo geral analisar a condição da mulher nas relações de gênero na obra *Dentro de ti ver o mar* (2013), da escritora portuguesa contemporânea Inês Pedrosa. Como objetivos específicos, propõe-se: entender a realidade das figuras femininas, baseada nas hierarquias de gênero; problematizar a existência invisibilizada das personagens femininas, a partir da violência sofrida por elas nas relações familiares e sociais; compreender a resistência das mulheres da obra, em meio a busca por superação da violência.

Os problemas que norteiam a pesquisa fundamentam-se na necessidade de entender a condição da mulher nas relações de gênero. Para tanto, serão enfatizadas questões relacionadas ao papel social representado pelas personagens femininas que vivenciam diferentes formas de opressão, em meio à dominação masculina. É pertinente também verificar como a construção das personagens delineiam os traços comportamentais do ser feminino e a superioridade masculina, a qual contribui para a opressão histórica feminina. A questão religiosa, social e promulgação de leis inibiram, na gênese humana, o desvalor da condição feminina.

A pesquisa é qualitativa, de cunho bibliográfico com base teórica pautada no pensamento, de Simone de Beauvoir (2016), Foucault (1999), Pierre Bourdieu (2012) e Heleieth Saffioti (2015), tendo início com a leitura analítica da obra *Dentro de ti ver o mar* de Inês Pedrosa, pelo viés da crítica feminista e sistematização do conteúdo, a fim de possibilitar a ordem e sumarização das informações contidas na obra, de modo a levantar fundamentação suficiente para verificar as intenções problematizadas.

A motivação para escrever a monografia sobre a obra *Dentro de ti ver o mar* de Inês Pedrosa pelo viés da crítica feminista, surgiu durante minha participação na disciplina de Literatura Portuguesa II, ministrada pela Prof.^a Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos. Através de um seminário, o livro se revelou como um ponto de partida interessante para explorar aspectos do feminismo na literatura contemporânea e contribuir para os estudos sobre o tema. Durante essa imersão, tive a oportunidade de entrar em contato com a obra de Inês Pedrosa, o que resultou em um profundo impacto em mim. Fiquei especialmente fascinada pela forma como

a autora aborda temas tão relevantes, como violência e submissão de gênero. Sua obra evidencia a complexidade dessas questões, apresentando uma visão crítica dos entendimentos tradicionais associados à subordinação da mulher na sociedade.

A literata expõe as angústias da opressão de mulheres que cumprem papéis sociais de mãe, filha, esposa e de amante no contexto do patriarcado, representando-as em condições de subalternidade em relação ao pai, ao marido, companheiro e à sociedade. Suas personagens espelham perfis de mulher que, em grande parte dos casos, se submetem às normas sociais, contudo, por vezes anseiam transgredi-las.

Diante disso, encontramos, na obra de Inês Pedrosa, mulheres que se veem em conflitos internos de suas ações por causa da obediência às convenções sociais ou religiosas; mulheres cheias de medos, outras vezes encorajadas para iniciarem mudanças radicais em suas vidas; mulheres inconformadas com sua condição submissa e por vezes incoerentes com seus próprios pensamentos; mulheres em crise com sua própria identidade, anulando-se ou emergindo enquanto seres humanos femininos diante das imposições do corpo social androcêntrico.

As mulheres descritas no romance *Dentro de ti ver o mar* atormentam-se com as pressões externa, as quais condicionam comportamentos perante situações cotidianas. São mulheres coagidas pelo patriarcalismo, mas que também são persistentes, buscando autoconhecimento, identidade, na análise de sua postura submissa. Similarmente, é pela ótica de gênero que se compreende a ocorrência de violência contra as personagens femininas surgir do quesito alteridade, no tempo em que, seja fundamento de outros tipos de violência.

Por consequência, a alteridade retratada na obra, não se refere a atitudes e pensamentos de aniquilação do outro, que é visto nas mesmas condições de valor que o seu transgressor, em contraste, acontece fundamentada na condição de sexo, a qual origina-se no convívio familiar, onde as relações de gênero se constituem no ideal das relações hierárquicas.

[...] sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (Bourdieu, 2012, p. 7-8).

O livro conta com trinta e dois capítulos, com um narrador onisciente intruso, que intervém a todo momento para explicar, reprisar determinados acontecimentos e dialogar com o leitor. A obra tem uma linguagem descritiva subjetiva, que permite que o leitor tenha uma visão mais detalhada, já que o livro narra todos os

acontecimentos acentuando as percepções e emoções dos personagens.

As tramas que inicialmente não eram principais, vão tomando forma e expandindo-se. Múltiplas figuras vão surgindo ao longo do romance, e com elas, novos questionamentos, como a violência psicológica contra a mulher, o abandono familiar, as dificuldades da velhice, casamento forçado, crises matrimoniais, traição, desilusão, filhos, culpa e os mais diversos conflitos nas relações interpessoais.

Além disso, a escritora se propõe a desconstruir esse procedimento patriarcal que historicamente tem moldado a constituição do gênero, o que a torna uma autora imprescindível para aqueles interessados em aprofundar seus conhecimentos sobre esses temas.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo intitulado, Submissão e violência feminina na sociedade patriarcal discutimos a construção de papéis de gênero na sociedade patriarcal e a violência contra mulheres como manifestação do patriarcado. No segundo, intitulado, Inês Pedrosa: vida, obra e recepção crítica tratamos sobre o lugar de Inês Pedrosa na literatura contemporânea. Por fim, no terceiro, denominado Corpo como um lócus subserviente do amor em *Dentro de ti ver o mar* exploramos a ideia do corpo e como se torna instrumento na relação amorosa, tanto para exercer poder e controle, quanto para buscar prazer. A obra questiona essas dinâmicas, trazendo situações em que o corpo feminino é, muitas vezes, moldado e modificado para atender aos padrões de beleza impostos pela sociedade.

Diante do exposto, espera-se que o trabalho contribua para o entendimento da submissão e violência enfrentadas pelas mulheres na sociedade patriarcal, destacando a importância da desconstrução dos papéis de gênero e do combate ao patriarcado. Como também, contribuir com o reconhecimento e relevância da obra na literatura contemporânea e o impacto de Inês Pedrosa no contexto da literatura contemporânea.

Por fim, almeja-se promover reflexões acerca das dinâmicas de poder e controle que permeiam as relações amorosas, estabelecendo uma analogia com a transformação do corpo feminino, frequentemente ajustado para se submeter aos severos padrões de beleza impostos pela sociedade. Assim, impõe-se a necessidade de uma análise crítica sobre tais questões. Ressalte-se, ainda, que o tema é de abrangência significativa, não se esgotando na presente pesquisa, demandando investigações adicionais para um aprofundamento mais substantivo.

2 SUBMISSÃO E VIOLÊNCIA FEMININA NA SOCIEDADE PATRIARCAL

A violência e a submissão feminina são temas complexos que afetam milhões de mulheres em todo o mundo. Infelizmente, essas questões estão profundamente enraizadas na sociedade e demandam problematização e análise para que possamos compreendê-las e contribuir para mudanças. De acordo com Michelle Perrot (2007) a violência e submissão das mulheres reverberam desde os primórdios da civilização como nos mostra:

Paulo (na primeira Epístola a Timóteo) prescreve o silêncio às mulheres: “A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito que a mulher ensine nem use de autoridade sobre o marido, mas que permaneça em silêncio” (Perrot, 2007, p. 23).

O Cristianismo, ao longo da Idade Média e até a Idade Moderna, também contribuiu para a perpetuação da submissão feminina, difundindo a ideia de que as mulheres eram inferiores aos homens e que sua principal função era a submissão e obediência a seus maridos.

A violência contra as mulheres é uma violação dos direitos humanos, podendo assumir várias formas, como doméstica, sexual, psicológica, reprodutiva e cultural, entre outras. Essas formas de violência têm em comum o objetivo de exercer poder e controle sobre as mulheres, restringindo sua liberdade e submetendo-as a uma posição de inferioridade. Por certo, Pierre Bourdieu (2012, p. 18) nos traz que: “[...] a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la”.

A submissão feminina, por sua vez, é um reflexo dos padrões culturais e sociais que colocaram, a longo do contexto histórico, as mulheres em uma posição de desvantagem em relação aos homens. Desde cedo, as meninas foram ensinadas a serem submissas aos pais, irmãos e maridos, a abandonarem seus próprios sonhos e desejos para agradar aos outros. Essa submissão, muitas vezes, é justificada como respeito ou obediência. Nesse contexto, Perrot (2007) explana que:

[...] existe uma homologia entre o absolutismo conjugal e o absolutismo real: “Eva é infeliz e maldita em todo o seu sexo”. É, a título de consolação: ‘Cabe às mulheres lembrar-se de sua origem; não se vangloriar de sua delicadeza e pensar, afinal, que têm origem num osso acessório cuja beleza se limita à que Deus houve por bem lhe conferir’ (Perrot, 2007, p. 23).

Desde os primórdios, nas pinturas rupestres da pré-história até as representações modernas em revistas e anúncios publicitários, podemos observar a submissão das mulheres. Nas pinturas rupestres, datadas de milhares de anos

atrás, podemos perceber a subjugação feminina através da representação de mulheres sendo puxadas pelos cabelos por homens, o que as colocam em posições inferiores.

Essas imagens refletem a forma como as mulheres eram vistas na sociedade, geralmente destinadas a papéis secundários e consideradas propriedade dos homens. Tais representações deixam claro que a violência e a submissão das mulheres não são um fenômeno novo, mas sim uma triste realidade que tem raízes profundas em na história. Diante do exposto, Beauvoir (2016a) aborda que:

No homem encarna-se a seus olhos o Outro, como este para o homem se encarna nela; mas esse Outro apresenta-se a ele como o essencial e ela se apreende perante ele como o inessencial. Ela se libertará do lar paterno, do domínio materno e abrirá o futuro para si, não através de uma conquista ativa e sim entregando-se, passiva e dócil, nas mãos de um novo senhor. [...] Em verdade, não é de uma inferioridade dada que provém sua humildade; esta, ao contrário, é que engendra todas as insuficiências; tem sua fonte no passado da adolescente, na sociedade que a cerca e, precisamente, nesse futuro que lhe é proposto (Beauvoir, 2016a, p. 76)

Ao longo dos séculos, as mulheres eram frequentemente excluídas de participar ativamente na tomada de decisões, sendo relegadas aos papéis de cuidadoras do lar e mães. Com o passar dos anos, embora tenham ocorrido avanços significativos em direção à igualdade de gênero, muitas mulheres ainda enfrentam a opressão e a violência. Infelizmente, isso pode ser observado na mídia contemporânea, incluindo revistas e anúncios publicitários.

Em muitas das representações modernas, as mulheres são objetificadas, colocadas em posições de vulnerabilidade e submissão, são retratadas como meros objetos sexuais, servindo para atrair a atenção masculina e reforçar estereótipos prejudiciais. Essas imagens não apenas contribuem para perpetuar as desigualdades de gênero, mas também reforçam a cultura do machismo. Sob o mesmo ponto de vista, a autora Perrot (2007) contextualiza:

A força da iniciativa masculina que reduz as mulheres a espectadoras, mais ou menos submissas, de si mesmas. “As mulheres não representavam a si mesmas”, escreve ele. “Elas eram representadas. [...] Ainda hoje, é um olhar de homem que se lança sobre a mulher” e se esforça para reduzi-la ou seduzi-la. Ele espera, apesar de tudo, que, em alguns casos, as mulheres tenham algum prazer (Perrot, 2007, p. 24).

A submissão e a violência feminina representam não apenas uma questão de gênero, mas também uma manifestação indelével das consequências nefastas de uma estrutura patriarcal arraigada e perversa. Esta estrutura, que se perpetua ao longo dos séculos, atribui ao homem não apenas o poder, mas também uma autoridade muitas vezes desproporcional e descontextualizada sobre a mulher, relegando-a a um papel subalterno e muitas vezes vulnerável.

A análise proposta por Simone de Beauvoir em *O segundo sexo: fatos e mitos* é de suma importância para a compreensão contemporânea das questões de gênero. Publicada em 2016, embora a obra original tenha sido lançada em 1949, a relevância de sua discussão se mantém, evidenciando que a conceituação de gênero é, de fato, um tema perene e complexo.

Ao desdobrar a ideia de que "ser mulher" não representa uma essência fixa, mas sim uma construção social e cultural, Beauvoir oferece um prisma pelo qual se pode observar a dinâmica de poder e identidade que permeia as relações de gênero. A sua afirmação de que a definição de um gênero ocorre em constante diálogo com o outro, ressalta a interdependência e a contiguidade das identidades masculinas e femininas, ao mesmo tempo em que expõe a mulher como o "Outro". Este posicionamento não apenas a marginaliza, mas também cria um espaço de reflexão sobre as normas e valores que sustentam o patriarcado.

Por meio de sua crítica, Beauvoir propõe uma reavaliação dos papéis sociais e das expectativas que moldam a vivência da feminilidade. O conceito de "Outro" torna-se, assim, uma ferramenta analítica poderosa para entender as formas como as mulheres são subordinadas e objetificadas na sociedade. A obra não apenas ilumina as estruturas que perpetuam a desigualdade, mas também convida a uma reflexão crítica acerca da construção de identidades e dos mitos que cercam a feminilidade.

A relação de alteridade é fundamental para compreender como as identidades de gênero são moldadas. A noção de que o feminino é definido em contraste com o masculino provoca uma reflexão sobre as desigualdades que surgem deste dualismo. A ideia de que o feminino é visto como oposto e, em muitos contextos, subordinado ao masculino, levanta questões importantes sobre poder, representação e a construção social do que é considerado normativo ou ideal em cada gênero.

A autora também sugere que o reconhecimento do Outro, muitas vezes marginalizado ou subordinado, é crucial para repensar as dinâmicas de gênero. Para além da mera oposição, é necessário considerar como a interação entre esses polos pode promover um entendimento mais amplo e inclusivo das identidades, desafiando a ideia de hierarquias fixas e abrindo espaço para novas possibilidades de ser e existir no mundo.

A introdução do livro de Beauvoir (2016) estabelece um debate fundamental sobre a origem da submissão feminina, relacionando-a às opressões vividas por outras minorias, mas destacando as especificidades da condição da mulher. A autora busca entender por que a subjugação da mulher persiste ao longo da história, mesmo sem um evento específico que a tenha desencadeado, como ocorreu com as

minorias étnicas.

A comparação entre as experiências de mulheres e outras minorias revela a complexidade da opressão: enquanto as minorias podem ser vistas como resultantes de eventos históricos traumáticos, a subordinação das mulheres é um fenômeno profundamente enraizado na estrutura social e cultural da humanidade. Essa relação entre homens e mulheres é intrínseca, desafiando a ideia de que a opressão feminina pode ser tratada de forma isolada.

Beauvoir ressalta que a supremacia masculina se consolidou como um direito natural ao longo da história, refletindo não apenas uma construção social, mas também a resistência às mudanças promovidas pelas lutas feministas. Apesar dos avanços nesses movimentos, muitas das bases dessa hierarquia permanecem intactas, perpetuando um ciclo de vantagem para os homens.

Assim, a obra *Dentro de ti ver o mar* convida a repensar sobre a necessidade de desestabilizar essas categorias rígidas de gênero, promovendo um diálogo que valorize a diversidade e a complexidade das experiências humanas. Ao fazê-lo, a autora contribui para uma discussão mais rica e crítica sobre o que significa ser mulher e homem em um mundo que ainda lida com as repercussões culturais e históricas dessa dualidade.

2.1 A construção de papéis de gênero na sociedade patriarcal

A construção dos papéis de gênero na sociedade patriarcal é um tema relevante e bastante discutido atualmente. Ao longo da história, as sociedades têm atribuído características, comportamentos e expectativas específicas para homens e mulheres, criando assim uma dicotomia rígida entre os gêneros. Para Lauretis (1994):

[...] o gênero não é uma propriedade de corpos nem algo existente a priori nos seres humanos, mas, nas palavras de Foucault, “o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamento e relações sociais”, por meio do desdobramento de “uma complexa tecnologia política” (Lauretis, 1994, p. 208).

A rigidez da construção dos papéis de gênero também impõe limites às oportunidades e aos direitos das mulheres. Historicamente, as mulheres foram excluídas da esfera pública, tendo seus espaços restringidos ao ambiente doméstico. A participação política, econômica e cultural foi negada a elas, perpetuando a subordinação feminina e a desigualdade de gênero. Diante disso Lauretis (1994) dialoga com Michel Foucault (1999), quando afirma:

A análise de Foucault se inicia a partir de um paradoxo: as proibições e regulamentações dos comportamentos sexuais, ditados por autoridades religiosas, legais ou científicas, longe de constranger ou reprimir a sexualidade, produziram-na e continuam a produzi-la, da mesma forma que a máquina industrial produz bens e artigos, e, fazê-lo, produz relações sociais (Lauretis, 1994, p. 220).

Na sociedade patriarcal, o poder e a autoridade são, em geral, exercidos pelos homens, enquanto as mulheres são relegadas a papéis subalternos e de apoio. Essa hierarquia de gênero é perpetuada através de normas sociais e culturais que reforçam a divisão das responsabilidades entre os sexos. No entanto, é importante destacar que os papéis de gênero não são inatos ou biológicos, mas sim construídos socialmente. A autora Simone Beauvoir (2016a), expõe essa diferença em seu livro: *O segundo sexo: a experiência vivida*, onde descreve que:

Grande parte do trabalho doméstico pode ser realizado por uma menina muito criança; habitualmente dele os meninos são dispensados; mas permite-se, pede-se mesmo à irmã, que varra, tire o pó, limpe os legumes, lave um recém-nascido, tome conta da sopa. A irmã mais velha, em particular, é assim amiúde associada às tarefas maternas. A menina sobrecarregada de tarefas pode ser prematuramente escrava, condenada a uma existência sem alegria. Mas se só lhe pedem um esforço ao seu alcance, ela experimenta o orgulho de ser eficiente como um adulto e regozija-se de ser solidária com as "pessoas grandes". Essa solidariedade é possível pelo fato de não haver entre a menina e a dona de casa uma distância considerável (Beauvoir, 2016a, p. 30-31).

As autoras Alves e Pitanguy (1991, p. 56) dialogam com Beauvoir (2016a) quando explanam que: "Este reducionismo biológico camufla as raízes da opressão da mulher, que é fruto na verdade de relações sociais, e não de uma natureza imutável". As características e habilidades associadas a cada gênero são aprendidas e internalizadas ao longo da vida, desde cedo, meninos e meninas são socializados de maneiras distintas, sendo encorajados a agir e se comportar de acordo com as expectativas de gênero estabelecidas. Por exemplo, aos meninos é ensinado que devem ser fortes, corajosos, competitivos e assertivos, enquanto às meninas é inculcada a ideia de que devem ser delicadas, submissas, carinhosas e emocionalmente sensíveis. Para, Beauvoir (2016a):

Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher "feminina" é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. A imensa possibilidade do menino está em que sua maneira de existir para outrem encoraja-o a pôr-se para si. Ele faz o aprendizado de sua existência como livre movimento para o mundo; rivaliza-se em rudeza e em independência com os outros meninos, despreza as meninas. Subindo nas árvores, brigando com colegas, enfrentando-os em jogos violentos, ele apreende seu corpo com um meio de dominar a natureza e um instrumento de luta;

orgulha-se de seus músculos como de seu sexo [...] (Beauvoir, 2016a, p. 24).

Os estereótipos de gênero são reforçados pela mídia, pela indústria do entretenimento e até mesmo pela educação formal. Os brinquedos, as roupas, os programas de televisão e os livros infantis muitas vezes promovem ideais de masculinidade e feminilidade que são limitantes e prejudiciais. Ainda conforme a autora:

[...] na mulher há, no início, um conflito entre sua existência autônoma e seu "ser-outro"; ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia. Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exercer sua liberdade para compreender, apreender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como sujeito; se a encorajassem a isso, ela poderia manifestar a mesma exuberância viva, a mesma curiosidade, o mesmo espírito de iniciativa, a mesma ousadia que um menino (Beauvoir, 2016a, p. 25).

Ademais, a sociedade patriarcal também impõe uma série de expectativas e pressões sobre as mulheres. Elas são frequentemente cobradas a se adequar a padrões de beleza irreais, a serem mães perfeitas, esposas dedicadas e profissionais bem-sucedidas, tudo simultaneamente. Essa realidade cria uma sobrecarga emocional e física para as mulheres e muitas vezes limita suas escolhas e oportunidades.

As mudanças na construção de papéis de gênero exigem a participação de todos os setores da sociedade. É preciso investir na educação igualitária e na sensibilização das pessoas para a importância da igualdade de gênero. Os meios de comunicação e a indústria do entretenimento também têm um papel crucial nesse processo, pois possuem uma influência significativa na formação de valores e na disseminação de ideias.

Portanto, a construção dos papéis de gênero na sociedade patriarcal é um fenômeno complexo e arraigado, mas que pode ser desconstruído. É necessário reconhecer que a igualdade de gênero é uma questão fundamental para a justiça social e o bem-estar de todos. Somente através de esforços coletivos e contínuos é que poderemos construir uma sociedade mais igualitária e inclusiva, onde os papéis de gênero sejam mais fluidos e menos restritivos.

2.2 Violência contra mulheres como manifestação do patriarcado

A violência contra as mulheres é frequentemente considerada uma manifestação do patriarcado, sistema social que privilegia e domina os homens em

detrimento das mulheres. O patriarcado estabelece normas de gênero rígidas e desigualdades estruturais que perpetuam a opressão e a violência contra as mulheres.

A análise do patriarcado revela como as estruturas de poder não apenas oprimem as mulheres, mas também criam um ambiente de violência e controle. A submissão não é apenas uma escolha individual, mas um imperativo social que se manifesta em diversas esferas da vida, como no casamento, onde as expectativas tradicionais podem tornar-se opressivas.

Dentro desse sistema, a mulher é muitas vezes ensinada a priorizar os desejos e necessidades do outro, sacrificando seus próprios anseios em prol de um ideal de harmonia doméstica. Essa dinâmica é frequentemente sustentada por um discurso cultural que valoriza a paciência e a abnegação da mulher, perpetuando a ideia de que seu valor é medido por sua capacidade de servir, sacrificar e se submeter. Nesse ínterim, Garcia (2011) ressalta que:

Analisar o patriarcado como um sistema político significou enxergar até onde se estendiam o controle e o domínio sobre as mulheres. Boa parte da riqueza teórica do feminismo procede daí. Ao se dar conta de que o controle patriarcal se estendia também às famílias, às relações sexuais, trabalhistas e outras esferas, as feministas popularizaram a ideia de que o pessoal é político. As mulheres se deram conta de que aquilo que pensavam ser problemas individuais eram experiências comuns a todas, fruto de um sistema opressor. Essa consciência foi determinante, por exemplo, para a análise da violência de gênero (Garcia, 2011, p. 17).

A análise de Garcia (2011) sobre o patriarcado, entendido como um sistema político, é crucial para compreender a extensão do controle que ele exerce sobre as mulheres. Essa análise revela que a opressão não se limita apenas às experiências individuais, mas se insere em um contexto mais amplo que abrange diversas esferas da vida, como a família, o trabalho e as relações afetivas. A ideia de que "o pessoal é político" sintetiza essa percepção: questões que parecem ser particulares refletem, na verdade, uma estrutura opressora que afeta coletivamente todas as mulheres.

Por outro lado, Saffioti aprofunda a discussão ao apontar como essa submissão das mulheres é cultivada socialmente. Quando as mulheres são ensinadas a aceitar sua posição de inferioridade como algo natural, é mais fácil justificar qualquer forma de violência ou abuso que possa ocorrer. Segundo Saffioti (2015), esse fator se encontra fundamentado no seguinte entendimento:

As mulheres são "amputadas", sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem força e coragem (Saffioti, 2015 p. 37).

As reflexões propostas pela autora abordam de maneira crítica e contundente a questão da desigualdade de gênero na socialização de homens e mulheres. Essa construção social, que restringe o potencial das mulheres, reflete um padrão de gênero que privilegia a docilidade e a conformidade, contribuindo para a marginalização das vozes femininas em esferas decisórias e de liderança.

A conexão entre os pontos levantados por Garcia e Saffioti é clara: enquanto a primeira enfatiza a sistematicidade do controle patriarcal, a segunda destaca o processo de socialização que perpetua essa dinâmica. Juntas, essas análises oferecem um panorama robusto sobre a opressão das mulheres, ilustrando a necessidade de uma luta contínua e articulada contra o patriarcado em todas as suas formas.

O patriarcado alimenta e legitima a violência por meio de várias maneiras. Primeiro, promove a ideia de que as mulheres são inferiores aos homens e que eles têm o direito de exercer controle e poder sobre elas. Isso cria uma cultura de violência que permite que os homens tratem as mulheres como objetos ou propriedade. Nesse contexto, Beauvoir (2016a) defende que:

A própria mulher reconhece que o universo em seu conjunto é masculino; os homens modelaram-no, dirigiram-no e ainda hoje o dominam; ela não se considera responsável; está entendido que é inferior, dependente; não aprendeu as lições da violência, nunca emergiu, como um sujeito, em face dos outros membros da coletividade; fechada em sua carne, em sua casa, apreende-se como passiva em face desses deuses de figura humana que definem fins e valores (Beauvoir, 2016a, p. 408).

A análise apresentada por Beauvoir destaca a percepção de que a mulher, dentro do contexto social e histórico, se reconhece como parte de um sistema dominado por valores e estruturas masculinas. A autora sugere que essa condição não é apenas resultado de uma imposição externa, mas também de uma internalização por parte da própria mulher, que se vê como inferior e dependente.

É interessante notar o apontamento para a falta de uma tomada de consciência que permitiria à mulher emergir como sujeito autônomo e ativo na sociedade. Esse estado de clausura é visto como um obstáculo que a impede de questionar e desafiar os papéis que lhe foram atribuídos, mantendo-a à margem das decisões que definem significados e metas sociais.

A violência contra as mulheres tem consequências devastadoras. Elas enfrentam traumas emocionais e físicos, bem como uma série de consequências sociais, como perda de dignidade, isolamento, medo e baixa autoestima. Considera-se que, ao longo da construção da sociedade, a dominação masculina, entende a mulher como um ser que se constitui para o outro. Isso tem não apenas lhes atribuído o destino, estabelecendo-lhe condutas, como também, colocando-a em

estado de insegurança. De acordo com Beauvoir (2016a):

Pelo fato de, em geral, o casamento subordinar a mulher ao marido, é principalmente a ela que se apresenta em toda a sua acuidade o problema das relações conjugais. O paradoxo do casamento está em que é, a um tempo, uma função erótica e uma função social: essa ambivalência reflete-se na figura que marido assume para a jovem mulher. É um semideus dotado de prestígio viril e destinado a substituir o pai: protetor, provedor, tutor, guia; é à sombra dele que a vida da esposa deve desabrochar; ele é o detentor dos valores, o fiador da verdade, a justificação ética do casal (Beauvoir, 2016a, p. 244).

O trecho citado evidencia como a estrutura social tradicional perpetua a subordinação das mulheres em relação aos homens. A argumentação de Simone de Beauvoir, ao caracterizar o marido como um "semideus", ilustra a idealização que a sociedade constrói em torno da figura masculina, conferindo a ele um prestígio que acarreta não apenas a veneração, mas também a dependência da mulher em relação a esse papel.

A dualidade mencionada — a função erótica e a função social do casamento — revela a complexidade das relações conjugais, onde o desejo e a submissão coexistem em um espaço que frequentemente desconsidera a autonomia feminina. Essa ambivalência tem implicações profundas, pois a mulher é posicionada como aquele ser cuja vida "deve desabrochar" à sombra do marido. Essa metáfora sugere uma dinâmica de poder intrínseca, onde o crescimento e a realização da mulher estão condicionados à validação e ao suporte do homem.

Além disso, a descrição do marido como "protetor, provedor, tutor, guia" destaca um sistema patriarcal que não apenas limita as oportunidades femininas, mas também legitima uma forma de violência mais sutil, que se manifesta através da dominação psicológica e da negação da autonomia. Muitas jovens mulheres podem internalizar essa figura do marido como a única referência de valor e segurança, perpetuando um ciclo de submissão que é difícil de quebrar.

É importante reconhecer que atos de violência contra as mulheres não é inevitável ou natural, mas sim uma construção social perpetuada pelo patriarcado. Para combater essa violência, é necessário desafiar e dismantelar as estruturas patriarcais, promovendo a igualdade de gênero, o respeito mútuo e uma cultura de não violência. Isso envolve mudanças em diferentes níveis, desde políticas públicas até a conscientização social e a educação para a igualdade de gênero.

Assim, alterar essa realidade requer uma mudança profunda na nossa cultura, educando crianças e adolescentes também por meio da literatura, para que respeitem e valorizem um ao outro, independentemente do gênero.

3 INÊS PEDROSA: VIDA, OBRA E RECEPÇÃO CRÍTICA

Inês Margarida Pereira Pedrosa, nascida em Coimbra no dia 15 de agosto de 1962, possui formação acadêmica em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa. Ao longo de sua trajetória profissional, acumulou vasta experiência no setor midiático, exercendo funções em diversos veículos, incluindo jornais, rádio e televisão.

Além de sua carreira no jornalismo, esta proeminente representante da literatura contemporânea destaca-se também como escritora, revelando um talento singular para retratar emoções, conflitos e questões sociais com notável profundidade. Seu currículo literário é composto por uma série de romances, que serão examinados a seguir, além de coletâneas de contos, nas quais aborda temáticas complexas e multifacetadas. A sua prosa, cativante e envolvente, transporta os leitores para universos diversos, apresentando personagens que são, simultaneamente, complexos e comoventes.

Um dos aspectos mais relevantes de sua obra é a reafirmação do papel feminino na sociedade contemporânea. Em muitos de seus trabalhos, a autora ilustra as batalhas, desafios e conquistas das mulheres em face de uma realidade profundamente marcada pelo patriarcado. A produção literária de Pedrosa é caracterizada por uma intensa profundidade emocional e por uma sensibilidade ímpar ao discutir temas como o amor, a solidão, a identidade e a condição da mulher. Suas personagens, frequentemente imersas em processos de autoconhecimento e dignidade, são apresentadas de maneira plural, revelando as nuances da experiência feminina contemporânea.

A crítica especializada tem recebido suas obras com entusiasmo significativo, tanto em Portugal quanto em outras nações. Esta aclamada escritora possui a habilidade de explorar a profundidade das emoções humanas, criando narrativas que não apenas encantam, mas também suscitam reflexões no leitor. Sua escrita, marcada pela fluidez e pela poética, aliada à criação de personagens autênticos, transforma seus livros em verdadeiras joias literárias.

Ademais de seu êxito no universo literário, a autora também se destacou por sua atuação como jornalista. Seu trabalho em jornais, rádio e televisão proporcionou-lhe uma visão abrangente das diferentes realidades sociais que permeiam o mundo contemporâneo. Essa diversidade de experiências enriquece e aprofunda a qualidade das narrativas que oferece, refletindo a riqueza de temas e questões em suas obras.

A atuação de Pedrosa enquanto diretora da Casa Fernando Pessoa representa um capítulo significativo na promoção da literatura de língua portuguesa, destacando-se pela criação do Festival Letras em Lisboa e do Festival do

Desassossego. Essas iniciativas não apenas celebraram a literatura, mas também estabeleceram conexões entre diferentes culturas e tradições literárias, contribuindo para um diálogo enriquecedor entre autores e públicos.

Outrossim, seu engajamento em questões sociais, exemplificado pelo pedido de indulto em 2003 para a mulher condenada por aborto voluntário, evidencia seu compromisso com a justiça e os direitos humanos. O célebre caso da "enfermeira da Maia" ressaltou a relevância da discussão sobre a legalidade do aborto em Portugal e suas implicações éticas, sociais e legais.

Sua participação na marcha em prol do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo em 2005, ao lado de Rui Zink, demonstra sua firme postura em defesa dos direitos civis e da igualdade. Esses gestos significativos reforçam a importância de figuras públicas na luta por transformações sociais e na promoção de valores inclusivos. Assim, a trajetória de Pedrosa, marcada por sua dedicação à literatura e ao ativismo social, revela um legado importante para as comunidades literárias e sociais, sublinhando a interseção entre cultura e cidadania.

Destarte, Inês Pedrosa se configura como uma escritora talentosa e engajada, cujas obras têm marcado gerações e conquistado reconhecimento internacional. Sua capacidade de explorar as emoções humanas, retratar personagens femininas complexas e integrar questões sociais relevantes na narrativa de seus livros a posiciona como uma figura singular na literatura contemporânea. Portanto, sua vida e obra constituem exemplos inspiradores para todos aqueles que valorizam a arte da palavra escrita.

3.1 Inês Pedrosa e a produção literária

A literatura portuguesa contemporânea é um campo fértil e diversificado, repleto de vozes inovadoras que buscam refletir as complexidades da sociedade atual. Entre essas vozes, destaca-se Inês Pedrosa, uma escritora cuja obra sintetiza questões existenciais, interpessoais e sociais de maneira singular. É uma autora que se destacou ao combinar de forma única sua abordagem jornalística com a criatividade da escrita de ficção. Em seu primeiro romance, intitulado *A instrução dos amantes* lançado em 1992, a autora explora a descoberta do amor durante a adolescência.

A análise das personagens Cláudia e suas amigas na obra de Inês Pedrosa revela uma abordagem rica e multifacetada dos conflitos emocionais e sociais que caracterizam a experiência do amor na adolescência. A autora constrói um contraste significativo entre as perspectivas masculinas dos personagens Ricardo e Diniz e as vivências femininas de Cláudia, ressaltando as complexidades do triângulo amoroso.

Essa dualidade propicia ao leitor uma visão mais abrangente dos desafios enfrentados no primeiro amor, funcionando como um microcosmo das relações interpessoais.

Para além do tema central do amor, Pedrosa amplia sua investigação ao abordar as dinâmicas de amizade e as tensões que surgem dentro do círculo social das personagens. Essa interligação entre amor e amizade evidencia como os vínculos afetivos muitas vezes são postos à prova e transformados pela influência de sentimentos românticos, refletindo a intrincada realidade da experiência social juvenil. Como resultado ocorre o enriquecimento de sua narrativa ao explorar as relações familiares, destacando o papel dessas interações como um contexto essencial para a formação emocional dos personagens.

A obra *A instrução dos amantes* se insere em um contexto histórico significativo, refletindo as transformações sociais e políticas que seguiram a Revolução dos Cravos, ocorrida em 25 de Abril de 1974. A autora habilmente entrelaça a história de Portugal com a vida das personagens, evidenciando como os eventos políticos e sociais influenciam as relações interpessoais e as dinâmicas de poder. Essa estratégia narrativa engrandece o enredo, conferindo à ficção uma camada adicional de autenticidade e permitindo que os leitores se conectem mais profundamente com os dilemas enfrentados pelos protagonistas.

A transição da autora do universo da literatura infantil, evidenciada em sua obra anterior *Mais ninguém tem* (1991), para uma abordagem mais séria e complexa em *A instrução dos amantes*, demonstra sua versatilidade e capacidade de explorar diferentes gêneros e temáticas. Essa mudança de foco não só amplia seu leque de atuação literária, mas também reflete o amadurecimento de sua escrita, proporcionando aos leitores uma experiência que dialoga com questões universais e, ao mesmo tempo, profundamente enraizadas no contexto português.

Assim, a amalgamação entre o passado histórico e o desenvolvimento das personagens propicia uma leitura rica, que convida à reflexão sobre a condição humana em tempos de mudança.

De acordo com Languardia (2017, p. 113): "[...] com seu segundo romance, *Nas tuas mãos*, publicado em 1997, Inês Pedrosa recebeu o Prémio Máxima da Literatura em 1998". Nessa obra, a autora explora ainda mais suas reflexões acerca do feminino, por meio da história de três mulheres - Jenny, a avó; Camila, a mãe; e Natália, a neta – a autora utiliza diferentes formas de interlocução para narrar suas histórias. Cada uma delas utiliza um meio diferente, como um diário, um álbum de fotografias e um maço de cartas, para expressar suas vivências e experiências.

Com isso, Inês Pedrosa oferece ao leitor um panorama abrangente e profundo sobre diferentes fases da vida feminina, explorando suas emoções e

anseios ao longo do tempo. A autora destaca-se por sua capacidade de se colocar no lugar das personagens femininas e dar voz a suas inquietações, contribuindo para uma representação mais completa e autêntica do universo feminino na literatura.

A escritora tem vários livros publicados, incluindo: *A sombra das nuvens no mar* (1993); *Fotobiografia de José Cardoso Pires* (1999); *20 Mulheres para o século XX* (2000); *Poemas de amor* (2001); *Fazes-me falta* (2002); *A menina que rouba risadas* (2002); *Fica comigo esta noite* (2003); *A eternidade e o desejo* – finalista do Prêmio Portugal Telecom e do Prêmio Correntes d'Escritas (2007); *Os íntimos* – Vencedor do Prêmio máxima de literatura (2010); *Dentro de ti ver o mar* (2012); *Desamparo* (2015).

A obra *Fazes-me falta*, terceiro romance da autora portuguesa Inês Pedrosa, foi publicada em 2002 e representa seu primeiro lançamento no Brasil em 2003. A autora Laguardia (2007, p. 17) expõe que: "*Fazes-me falta* é o único livro da escritora escrito inteiramente à mão, em um caderno que celebrava o 18º Salon Du Livre de Paris, de que o Brasil era país tema". Este período é notável, pois coincide com um momento de intensa interação entre a trajetória literária da escritora e a Literatura Portuguesa, destacando a aproximação entre os dois países.

O último romance de sua autoria, intitulado *Dentro de ti ver o mar* (2013), aborda de maneira profunda e sensível questões relacionadas à identidade, amor, família e superação. A obra se concentra nas vivências de três mulheres que, em suas respectivas jornadas, buscam a felicidade e a autenticidade em suas vidas.

A estrutura narrativa do livro é marcada pelas trocas de e-mails entre os personagens Rosa e Gabriel, o que proporciona uma visão íntima e intensa dos sentimentos e das confissões que permeiam a paixão intensa vivida pela fadista. Essa troca epistolar não apenas revela a profundidade emocional dos protagonistas, mas também enriquece a narrativa ao trazer à tona suas vulnerabilidades e anseios mais profundos.

Bem como, o uso do fado, uma forma clássica da música portuguesa, é um elemento significativo na trama, contribuindo para a ambientação do romance e servindo como um reflexo das emoções vividas pelas personagens. A inclusão desse estilo musical não só contextualiza a história, mas também intensifica a conexão entre os personagens e suas próprias tradições culturais, criando uma experiência literária próspera e multifacetada.

Independentemente do assunto, Inês Pedrosa concentra sua reflexão literária no universo feminino moderno, com preocupações feministas profundas não só no campo literário, mas também se observa sua atuação em prol das mulheres e igualdade de gênero no campo social e político.

3.2 O lugar de Inês Pedrosa na literatura portuguesa contemporânea

É possível analisar a compreensão da Literatura Portuguesa e seu impacto no público leitor brasileiro por meio dos eventos históricos que influenciaram Portugal, refletindo na sociedade e no conteúdo ideológico dos romances portugueses desde o final do século XX até a atualidade. Podemos destacar, por exemplo, a democratização do país em 1974, com o fim do regime salazarista, a independência das colônias africanas e o desenvolvimento econômico que levou à entrada na Comunidade Europeia em 1985.

Esses aspectos históricos tiveram um impacto significativo na literatura portuguesa, contribuindo para uma renovação no estilo e conteúdo dos romances produzidos no país. A democratização de Portugal em 1974 trouxe uma nova liberdade de expressão e de pensamento, o que permitiu um maior debate de questões sociais, políticas e culturais na literatura.

Inês Pedrosa, insere-se com notável destreza entre os proeminentes jovens escritores que emergiram na cena literária portuguesa dos anos 1990. Sua produção literária se destaca por uma voz singular e relevante, refletindo a diversidade e a complexidade da literatura contemporânea em Portugal. A conjunção de sua vivência como jornalista com seu percurso literário confere-lhe uma sensibilidade ímpar, que se manifesta nas narrativas que cria.

A autoralidade de Pedrosa é abrilhantada por uma abordagem que transcende a mera ficção, revelando uma profunda conexão com as realidades sociais e políticas do seu entorno. Esse envolvimento se traduz em obras que não apenas cumprem o papel de entreter, mas também instigam reflexões sobre temas atuais, demonstrando um compromisso com a crítica social e um espírito investigativo característico.

Portanto, sua obra não só dialoga com as inquietações do presente, mas também convida o leitor a uma imersão num universo literário que é, ao mesmo tempo, estético e consciencioso. Assim, Inês Pedrosa se firma como uma das vozes mais importantes da literatura contemporânea, contribuindo significativamente para o panorama cultural de Portugal.

A obra de Pedrosa aborda uma variedade de temas, que vão desde a valorização da memória cultural até reflexões profundas sobre questões de gênero e ativismo político, explorando assim as complexas interações que envolvem as relações humanas. Nesse interim Laguardia (2007) retrata que:

Suas obras refletem o percurso e o amadurecimento dessa escritora que começou como jornalista em 1983, com um estágio em O Jornal, antes mesmo de licenciar-se em Ciências da Comunicação, na Universidade Nova

de Lisboa, em 1984 (Laguardia 2007, p. 30).

A recepção pelo público leitor brasileiro é ascendente, já que, com muitos autores portugueses sendo traduzidos e publicados no Brasil, além de eventos literários promovendo o diálogo entre as duas literaturas, ocorreu dessa maneira um intercâmbio cultural entre os dois países, despertando o interesse dos leitores brasileiros por temas e abordagens literárias diferentes. Ainda de acordo com Laguardia (2007):

[...] leituras no âmbito familiar e, mais tarde, sua experiência como diretora da revista Marie Claire acabaram por apontar os diversos caminhos que a escritora trilharia em direção ao universo da alma feminina: recortando em seus romances o papel da mulher portuguesa emergida na década de 90, trazendo à memória as mulheres do passado, defendendo os direitos da mulher no presente, como cronista do Expresso, onde escreve semanalmente em sua Crônica Feminina (Laguardia 2007, p. 31)

Além de sua produção literária, Inês Pedrosa também se dedica ao ativismo cultural, promovendo debates e discussões sobre literatura e sociedade. Seu comprometimento com as questões de seu tempo se reflete em sua escrita, que busca levar ao leitor reflexões sobre o mundo em que vivemos.

Sua capacidade de entrelaçar a estética literária com questões sociais e emocionais revela não apenas um talento singular, mas também um profundo compromisso com a reflexão crítica sobre a sociedade em que vivemos. Ao incentivar o diálogo e a introspecção, Inês Pedrosa contribui significativamente para o enriquecimento memorável da literatura em língua portuguesa, reafirmando seu lugar como uma das autoras mais relevantes da contemporaneidade.

4 CORPO COMO UM LÓCUS SUBSERVIENTE DO AMOR EM *DENTRO DE TI VER O MAR*

A produção de discursos sobre o corpo feminino ao longo da história revela as complexas interseções entre gênero, poder e amor. No contexto da violência de gênero e da submissão feminina, o corpo se torna um locus subserviente, frequentemente visto como um território a ser dominado, controlado e, por vezes, violentado. Essa discussão é fundamental para compreendermos como as mulheres são socializadas para ocupar papéis submissos em relações amorosas, bem como as consequências dessa dinâmica.

O conceito de amor, muitas vezes glorificado em narrativas românticas e culturais, acaba por esconder uma faceta obscura que reforça a subjugação das mulheres. O amor, em suas múltiplas formas, pode se apresentar como uma força libertadora, mas também pode ser usado como um mecanismo de controle. Nessa lógica, a ideia de que "amar é sofrer" perpetua a noção de que a submissão e o sacrifício são componentes essenciais das relações amorosas. As mulheres são frequentemente ensinadas desde a infância a priorizar as necessidades dos outros, a negligenciar seus próprios desejos e a aceitar a dor como parte de suas experiências amorosas.

O corpo, portanto, torna-se um espaço de luta. Numa sociedade patriarcal, onde as normas de gênero são rígidas, o corpo feminino é muitas vezes objetificado e reduzido a um meio através do qual o amor e a aceitação social são conquistados. A pressão para se conformar a padrões de beleza e comportamento não apenas impacta a autoimagem das mulheres, mas também as coloca em situações de vulnerabilidade, onde a violência de gênero pode se manifestar. Essas manifestações podem variar desde o assédio moral e físico até formas mais sutis de controle emocional e psicológico, muitas vezes justificadas sob a premissa do amor.

Na sociedade patriarcal, que ainda prevalece em grande parte do mundo, especialmente nos espaços públicos e nas estruturas de poder, o corpo é frequentemente reduzido a um mero objeto de desejo masculino. Essa visão limitante é enraizada em uma mentalidade que perpetua estereótipos de gênero e reforça padrões de submissão e dominação que segundo Simone de Beauvoir (2016a):

Opõe-se por vezes o "mundo feminino" ao universo masculino, mas é preciso sublinhar mais uma vez que as mulheres nunca constituíram uma sociedade autônoma e fechada; estão integradas na coletividade governada pelos homens e na qual ocupam um lugar de subordinadas; estão unidas somente enquanto semelhantes por uma solidariedade mecânica: não há entre elas essa solidariedade orgânica em que assenta toda uma

comunidade unificada; elas se esforçaram sempre — nos tempos dos mistérios de *Liéusis* como hoje nos clubes, nos salões, nas reuniões beneficentes— por se ligar a fim de afirmarem um "contra universo", mas é ainda no seio do universo masculino que o colocam. E daí vem o paradoxo de sua situação: elas pertencem ao mesmo tempo ao mundo masculino e a uma esfera em que esse mundo é contestado (Beauvoir, 2016a, p. 407-408).

O patriarcado, enquanto estrutura social predominante em diversas culturas ao longo da história, estabelece um conjunto de normas e expectativas que não apenas regulam comportamentos, mas também moldam a compreensão do corpo humano em suas interações sociais e sexuais. Essas imposições geram um cenário onde a autonomia do corpo, especialmente o feminino, é frequentemente relegada a um segundo plano, reduzindo a sexualidade a um espaço de dominação e objetificação. Nesse mesmo viés, tal autora, retrata que:

Desde as civilizações primitivas até os nossos dias sempre se admitiu que a cama era para a mulher um "serviço" que o homem agradece com presentes ou assegurando-lhe a manutenção: mas servir é ter um senhor; não há nessa relação nenhuma reciprocidade (Beauvoir, 2016a, p. 126).

O sexo na sociedade patriarcal é um assunto que pode ser encarado de diferentes perspectivas, nessa estrutura social, há uma clara hierarquia de gênero, onde os homens ocupam uma posição de poder e controle, enquanto as mulheres são frequentemente subordinadas e vistas como objetos sexuais ou responsáveis pelo cuidado e satisfazer os desejos dos homens. Assim também, Foucault (1999) apresenta que:

Quanto a nós, estamos em uma sociedade do "sexo", ou melhor, "de sexualidade": os mecanismos do poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que a faz proliferar, ao que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão para ser utilizada. Saúde, progeneritura, raça, futuro da espécie, vitalidade do corpo social, o poder fala da sexualidade e para a sexualidade; quanto a esta, não é marca ou símbolo, é objeto e alvo. O que determina sua importância não é tanto sua raridade ou precariedade quanto sua insistência, sua presença insidiosa, o fato de ser, em toda parte, provocada e temida. O poder a esboça, suscita-a e dela se serve como um sentido proliferante de que sempre é preciso retomar o controle para que não escape; ela é um efeito com valor de sentido (Foucault, 1999, p. 137).

Por consequência, o ato sexual é muitas vezes entendido como algo puramente reprodutivo ou com o objetivo de satisfazer os desejos masculinos. As mulheres são frequentemente objetificadas, o que reforça a ideia de que seu valor está atrelado à sua aparência física e à sua habilidade de agradar sexualmente os homens. Como elucida Beauvoir (2016a):

Sendo ela objeto, a inércia não lhe modifica profundamente o papel natural:

a tal ponto que muitos homens não se preocupam em saber se a mulher que se deita com ele quer o coito ou se apenas se submete a ele. Pode-se dormir até com uma morta. O coito não poderia realizar-se sem o consentimento do macho e é a satisfação do macho que constitui o fim natural do ato. A fecundação pode realizar-se sem que a mulher sinta o menor prazer. Por outro lado, a fecundação está longe de representar para ela o término do processo sexual; é, ao contrário, nesse momento que começa o serviço exigido dela pela espécie: este realiza-se lentamente, penosamente, na gravidez, no parto, no aleitamento (Beauvoir, 2016a, p. 126).

Nesse sistema de autoridade masculina, existe uma série de tabus e estigmas em relação à sexualidade feminina. Mulheres que expressam sua sexualidade de forma livre e aberta muitas vezes são rotuladas como promíscuas ou imorais, enquanto os homens têm mais liberdade para explorar e expressar sua sexualidade sem sofrerem o mesmo tipo de julgamento. Pierre Bourdieu (2012) corrobora com Beauvoir, pois:

[...] a posição considerada normal é, logicamente, aquela em que o homem "fica por cima". Assim como a vagina deve, sem dúvida, seu caráter funesto, maléfico, ao fato de que não só é vista como vazia, mas também como o inverso, o negativo do falo, a posição amorosa na qual a mulher se põe por sobre o homem é também explicitamente condenada em inúmeras civilizações (Bourdieu, 2012, p. 27).

A afirmação de que "a posição considerada normal é, logicamente, aquela em que o homem fica por cima" ilustra uma concepção profundamente enraizada de hierarquia de gênero, onde a superioridade masculina é reforçada por práticas sociais e culturais. Essa premissa reflete a forma como as estruturas patriarcais moldam a dinâmica sexual e afetiva, fazendo com que a masculinidade seja frequentemente associada ao poder e à dominação, enquanto a feminilidade é relegada a uma posição de inferioridade e submissão.

Além disso, a menção ao caráter funesto da vagina e sua associação com o "negativo do falo" evidencia como a anatomia feminina tem sido, historicamente, objeto de desvalorização e estigmatização. A vagina não é apenas vista como um espaço vazio, mas também como um símbolo de falta e incompletude, uma visão que perpetua a disparidade de poder entre os gêneros. Esse dualismo representa a internalização de valores patriarcais que não apenas legitimam, mas também naturalizam a submissão feminina.

A condenação da mulher que assume uma posição de dominação sobre o homem, conforme mencionado, revela a resistência cultural a uma reconfiguração das relações de gênero, que desafiam as normas tradicionais. Essa resistência é visível em muitas civilizações, que, através de suas narrativas e práticas sociais, reafirmam o ideal da mulher submissa e do homem dominante como a norma aceitável.

Portanto, o sexo é frequentemente utilizado como uma forma de afirmar o poder masculino e estabelecer sua dominação. As mulheres são ensinadas desde cedo a se submeterem aos desejos de seus parceiros masculinos e são desencorajadas a tomar a iniciativa ou expressar seus próprios desejos e prazeres sexuais.

4.1 Desconstruindo a submissão: violência conjugal e a luta contra o patriarcado

A violência conjugal, inicialmente considerada uma disfunção restrita ao âmbito doméstico do casal, caracterizada por agressões físicas e psicológicas, começou a ser reavaliada a partir da década de 1980 como uma questão social e de saúde pública, influenciada por construções histórico-culturais relacionadas ao gênero.

Atualmente, o tema da violência conjugal ganha destaque nas esferas social, política, jurídica e literária em decorrência de uma estrutura patriarcal que perpetua desigualdades de gênero e legitima comportamentos abusivos. Este fenômeno transcende as agressões físicas, englobando também formas de violência psicológica, sexual, emocional e econômica.

Para compreender as raízes da violência conjugal e a urgência de seu enfrentamento, torna-se fundamental analisar a relação intrínseca entre essa violência e as dinâmicas patriarcais que a sustentam. De acordo com Beauvoir (2016a):

O casamento incita o homem a imperialismo caprichoso: a tentação de dominar é a mais universal, a mais irresistível que existe [...] não basta ao esposo ser aprovado, admirado, aconselhar, guiar: ele ordena, representa o papel de soberano (Beauvoir, 2016a, p. 250).

Nesse contexto, Beauvoir destaca que o papel do esposo vai além de ações de aprovação e admiração; ele se caracteriza pela imposição de ordens e pela representação de uma autoridade soberana, o que revela as estruturas de poder assimétricas que historicamente têm sido perpetuadas no seio da instituição matrimonial. Essa análise não apenas abre espaço para reflexões sobre as desigualdades de gênero, mas também convida a um exame crítico das expectativas sociais que moldam as relações interpessoais.

A condição de submissão feminina é fruto de uma construção social, enraizada nas funções atribuídas às mulheres na sociedade. A obra *Dentro de ti ver o mar* (2013) ilustra, de maneira incisiva, que, apesar dos avanços conquistados, ainda somos permeados por uma estrutura patriarcal, na qual os valores masculinos se impõem com predominância, frequentemente respaldados pela utilização de

violência psíquica e/ou física, além de tratamentos desumanizadores. No excerto a seguir, observa-se que o personagem Gabriel manifesta um sentimento de posse, perpetrando atos de violência tanto física quanto psíquica contra sua esposa, Penélope:

Penélope estava muito longe de ser perfeita, e Gabriel recordava-lhe com frequência. Gostava de a sentir estremecer quando ele erguia um copo para ver se estava bem lavado. Certa vez encontrara pedaços de lixo em todos os copos, durante o jantar. Não disse nada e não bebeu. Esperou que as crianças estivessem a dormir para atirar para o chão, com muita calma, cada um dos copos. Depois de os partir, espezinhou-os. Depois de os espezinhar, disse a Penélope, com uma voz extremamente suave: — Dá-me a tua mão. Dobrou-se e dobrou com ele a mulher, colocou-lhe a mão em cima dos cacos e depois um pé em cima da mão (Pedrosa, 2013, p. 72).

A citação apresentada, oferece uma visão clara da dinâmica abusiva entre Gabriel e a esposa Penélope, revelando a complexidade das relações de poder e controle que permeiam o cotidiano do casal. Ao analisar essa Penélope do contexto contemporâneo, observamos uma personagem que está distante do arquétipo da esposa fiel e idealizada da Penélope homérica, que, na obra *Odisseia*, representa a paciência e a fidelidade, aguardando a volta de seu marido, Ulisses.

Em contrapartida, a Penélope retratada por Pedrosa é uma mulher subjugada emocional e fisicamente, cuja luta não se dá apenas pela preservação de um lar harmonioso, mas pela sua própria dignidade e autonomia. A narradora destaca a violência insidiosa, tanto física quanto psicológica, perpetrada por Gabriel, que se manifestam em ações sutis e destrutivas, como a destruição dos copos e o gesto ameaçador com a mão sobre os cacos, que simboliza a opressão e a brutalidade nas relações conjugais.

Essa comparação entre as duas personagens nos permite refletir sobre a evolução das representações femininas na literatura. Enquanto a Penélope da Antiguidade é símbolo da lealdade e resistência passiva, a Penélope contemporânea é uma figura que enfrenta a violência e a opressão, revelando as múltiplas faces da experiência feminina. Através dessa análise, percebemos como os contextos socioculturais moldam as dinâmicas de gênero, sublinhando a relevância de discutir e visibilizar as realidades enfrentadas pelas mulheres em diferentes períodos históricos.

Essa relação entre as duas figuras femininas enriquece o entendimento sobre como a literatura reflete transformações sociais, permitindo diálogos sobre temas eternos, como amor, poder e resistência. Nesse contexto, em seu livro *Segundo sexo*, a autora Simone de Beauvoir (2016a), reflete que:

O vocabulário erótico dos homens inspira-se no vocabulário militar: o

amante tem o ímpeto do soldado, seu sexo retesa-se como um arco, quando ejacula "descarrega", é uma metralhadora, um canhão; fala de ataque, de assalto, de vitória. Há em seu ato sexual um sabor de heroísmo. "Consistindo o ato gerador na ocupação de um ser por outro, escreve Benda (*Le Rapport d'Uriel*), impõe por um lado a ideia de um conquistador e por outro de uma coisa conquistada. Por isso, quando tratam de suas relações amorosas, os mais civilizados falam de conquista, de ataque, de assalto, de assédio, de defesa, de derrota, de capitulação, moldando nitidamente a ideia de amor na ideia de guerra. Esse ato, comportando a poluição de um ser por outro, impõe ao que polui certo orgulho e ao poluído, ainda que anuente, alguma humilhação" (Beauvoir, 2016a, p. 127).

Gabriel acredita que o acesso ao corpo de Penélope é um direito seu de marido, pelo lugar que conquistara e exercia a sua arte de manipulação e buscava reforçar continuamente esse estado de submissão. Essa posse sobre o corpo feminino de sua esposa, se dá para além do desejo sexual, mas da imposição de controle e poder sobre o outro corpo, considerado fraco, imperfeito e que sempre deveria estar disponível quando ele quisesse.

Ordenou-lhe ainda que se despisse e limpasse os cacos nua. Observou-a enquanto fazia a limpeza, corrigindo-a e insultando-a. No fim exigiu que Penélope lhe chupasse o sexo. Fechou os olhos e, com algum esforço de imaginação, veio-se. Depois passou a mão pelo sexo da mulher, disse-lhe que tinha pena de a descobrir assim molhada porque naquela noite ela não merecia o prazer. [...] Uma outra vez despejou-lhe uma panela de sopa em cima e depois ordenou-lhe que fosse tomar banho — e possuiu-a de seguida com um fogo que há muito não manifestava (Pedrosa, 2013, p. 72).

Frequentemente, Gabriel demonstra a lamentável capacidade de obter prazer de atos de abuso e violência exacerbada contra sua esposa, transformando sua agressividade e crueldade em uma fonte incessante de satisfação. A violência, neste contexto, está intrinsicamente ligada ao conceito de poder, no qual o mais forte utiliza sua preponderância para oprimir o mais fraco. O propósito de suas ações é imobilizar, humilhar, dominar e subordinar o outro à sua vontade.

Além disso, neste contexto, é possível discernir a presença da cultura machista que Gabriel perpetua em sua relação com Penélope, evidenciando a sua incessante valorização da virilidade masculina em detrimento da fragilidade feminina.

Olhava para as mamas descaídas de Penélope, acariciava-lhe ternamente os refegos da barriga, encostava a cabeça ao ombro que cheirava a leite bolçado, e dizia-lhe: — Mãe. A mãe da minha filha. [...] conseguia continuar a cumprir as obrigações conjugais pelo menos uma vez por mês — acordava já com o sexo pronto, depois de sonhar com uma beleza que encontrara na véspera, e entrava dentro da mulher adormecida, com a alegria de a saber à sua mercê. Penélope gemia, dizia — agora não, e essa recusa frouxa o excitava ainda mais. — Agora sim. És minha. Penélope deixara de ser uma vagina. Uma cona. O que agora via nela era um útero sagrado (Pedrosa, 2013, p. 70).

Beauvoir (2016a) elucida as complexas dinâmicas de poder e subjetividade presentes nas relações matrimoniais e observa que os valores eróticos e sociais frequentemente entram em conflito no contexto do casamento, resultando em um antagonismo que prejudica tanto a autonomia da mulher quanto a percepção do desejo por parte do marido. Nesse ínterim, a autora expõe que:

No casamento, já o vimos, os valores eróticos e sociais conciliam-se mal. Esse antagonismo reflete-se aqui. A mulher que acentua seu encanto sexual conduz-se mal aos olhos do marido; ele censura ousadias que o seduziram numa estranha e essa censura mata nele todo desejo; se a mulher se veste com decência, ele a aprova, mas com frieza: não a acha bastante atraente e como que lhe censura de modo vago (Beauvoir, 2016a, p. 341).

Ao destacar a dissonância entre a atração inicial que pode levar à sedução e a subsequente censura que a mulher enfrenta por expressar sua sexualidade, Beauvoir revela como essa dualidade desencadeia um círculo vicioso de desapego e desinteresse. O homem, ao se sentir ameaçado pelo encanto sexual da parceira, relega-a a um papel que limita sua vivência erótica, contribuindo para a destruição do desejo.

Por outro lado, a busca por um comportamento mais recatado por parte da mulher não garante sua aceitação plena, visto que a frieza com que o marido a observa revela um desinteresse que deslegitima sua representação como objeto de desejo. Essa análise crítica da relação entre gênero e casamento expõe a hipocrisia das normas sociais que, em última instância, cerceiam a liberdade e a expressão individual, reafirmando a pertinência das reflexões de Beauvoir na discussão sobre as relações de gênero contemporâneas. Alves; Pitanguy (1991) corrobora com o pensamento acima, ao afirmar que:

A contenção sobre a sexualidade da mulher é a primeira forma de limitação de sua potencialidade. Apoiando-se no dado biológico, a cultura enfatiza e supervaloriza a função de reprodução, que passa a se confundir com a própria essência do ser mulher (Alves; Pitanguy, 1991, p. 59-60).

A supervalorização da reprodução vê a maternidade não apenas como uma função biológica, mas como a configuração central da identidade feminina. A mulher é promovida a um status que glorifica a maternidade, mas ao mesmo tempo a relega a um ciclo de dependência, em que seus desejos, ambições e direitos são constantemente eclipsados pela expectativa de que sua principal missão é procriar e cuidar da prole. Esse ideal, que se fundamenta em um biológico que é, muitas vezes, socialmente construído, faz com que a sexualidade da mulher se torne um tabu, uma área de sua vida que deve ser contida e vigiada, limitando sua autonomia e expressão sexual. Essa definição é demonstrada no fragmento.

Penélope era a mãe dos filhos de Gabriel. Não havia vínculo mais forte do que esse. Uma mãe moderna — que fizera os partos com epidural e sem alvoroços, trabalhava fora de casa, mas reservava para si a parte nervosa do bife, a fruta velha, as sobras. Essa capacidade de sacrifício ancestral não podia ser escamoteada — e viver com uma pessoa assim, submissa, desprovida de exigências e competição, com a qual a rotina estava assegurada, era certamente a melhor aproximação à felicidade (Pedrosa, 2013, p. 72).

Penélope, identificada fundamentalmente como a mãe dos filhos de Gabriel, é emblemática dessa restrição. O vínculo maternal, potente e indiscutível, erige-se como a faceta mais valorizada de sua identidade, subjugando outras potencialidades que poderiam ser exploradas além da esfera familiar. O relato da mulher moderna que, apesar de suas conquistas profissionais e do conforto das inovações na maternidade, se vê aprisionada em um ciclo de sacrifício e abnegação, demonstra como a cultura perpetua a ideia de que a realização feminina se reduz a um papel essencialmente materno.

A delicada escolha de preservar para si a parte nervosa do bife, a fruta velha e as sobras, ainda que carregue um semblante de altruísmo, revela um tipo de subserviência que, conforme delineado, reforça a ideia de que a felicidade reside na submissão e na ausência de exigências. Assim, a convivência com uma mulher que, em nome de um ideal de estabilidade, abdica de suas próprias aspirações e desejos, perpetua um estado de limitação e desconexão com a sua verdadeira potencialidade.

Desde jovem, uma mulher é ensinada a acreditar que seu propósito primário é se casar e ter filhos. Ela é cobrada a representar um papel de esposa perfeita, cujo objetivo é satisfazer o marido e cuidar dos afazeres domésticos. A sociedade espera que ela seja submissa, dócil e que abdique de suas próprias vontades e sonhos em prol do bem-estar do marido e da família. Desse modo, Beauvoir (2016a) argumenta que:

O casamento não é apenas uma carreira honrosa e menos cansativa do que muitas outras: só ele permite à mulher atingir a sua dignidade social integral e realizar-se sexualmente como amante e mãe. É sob esse aspecto que os que a cercam encaram seu futuro e que ela própria o encara (Beauvoir, 2016a, p. 76).

Essa visão tradicional do casamento impõe às mulheres uma série de papéis, tais como ser a administradora do lar, cuidadora dos filhos e responsável por manter a unidade da família. Ela também é encarregada de manter a paz e o equilíbrio emocional do relacionamento, muitas vezes em detrimento de sua própria felicidade e realização pessoal. Dessa forma, a autora acima citada, ilustra que:

Na solidão do novo lar, ligada a um homem que lhe é mais ou menos estranho, já não mais criança e sim esposa e destinada a ser mãe por sua vez, ela se sente transida: definitivamente destacada do seio materno, perdida no meio de um mundo em que nenhuma meta a chama, abandonada em um presente glacial, ela descobre o tédio e a sensaboria da pura facticidade (Beauvoir, 2016a, p. 237).

A mulher agredida não se encontra em igualdade de condições para o homem agressor, para este, é ser vulnerável, inferior e imperfeito. Percebemos em Penélope a representação da mulher submissa, diante das agressões físicas e psicológicas sofridas, é importante destacar a manifestação de efeitos negativos na saúde mental da personagem, revelando dependência emocional do seu marido, o que se configura em prejuízos intensos que se relacionam com a qualidade de vida da mulher.

Penélope não esperava grandes feitos: apenas lhe pedia que estivesse à noite em casa e convivesse de vez em quando com os filhos. Tornaram-se companheiros e amigos, com contas repartidas, almoços com a família e férias planeadas de acordo com os interesses das crianças. [...] Penélope estava convencida de que esse arrefecimento fazia parte da evolução normal da vida dos casais. Sentia que, de algum modo, consertara o marido, e isso lhe causava uma espécie de plenitude. Aceitara de bom grado todas as suas críticas e melhoramentos. Aceitara o declínio do desejo sem uma queixa — apenas lhe dizia ocasionalmente, com uma vozinha tocante de menina amuada: — Se te acontecer alguma coisa com alguém, usa o preservativo, sim? Faz-me isso. Uma pequena renúncia, eis o que lhe pedia aquela mulher que se prontificara a gerar e criar os seus descendentes. [...] (Pedrosa, 2013, p. 71-73).

A narrativa ressoa com a ideia de que os casais, ao longo do tempo, muitas vezes se transformam pouco a pouco, e os grandes feitos e romantismos que podem ter caracterizado o início do relacionamento cedem lugar a uma convivência pautada pela amizade, pela partilha das responsabilidades familiares e pela construção de uma vida comum. Penélope custa a reconhecer que, ao aceitar as críticas e as modificações impostas pelo marido, isso a levou a um estado de plenitude — o que pode sugerir uma renúncia de sua própria individualidade em prol da harmonia familiar.

Assim, a passagem levanta questões sobre a natureza do amor, da amizade e das expectativas em um relacionamento duradouro, desafiando o leitor a ponderar sobre quais são os verdadeiros pilares que sustentam a convivência entre duas pessoas ao longo de suas vidas. Diante desse cenário Beauvoir (2016a) reflete que:

Menos romanesca do que outrora, começa a pensar muito mais no casamento do que no amor. Não envolve mais seu futuro esposo numa auréola prestigiosa: o que almeja é ter neste mundo uma situação estável, começar a viver sua vida de mulher (Beauvoir, 2016a, p. 119).

A violência conjugal atinge, acima de tudo, a autoestima das mulheres

tornando-as inseguras e vulneráveis, podemos constatar no excerto acima, que a compreensão e sensatez de Penélope não está focada nela e sim no marido, visto que por meio da manipulação durante anos de relacionamento, Gabriel através de sua cultura machista, implantou a ideia que o homem tem papel de dominação e autoridade sobre as mulheres, enquanto que a mulher é vista como o sexo permissivo, obediente e responsável pelos afazeres domésticos como cuidar dos filhos, do lar, e a ser submissa aos desejos do homem. O estudo de Beauvoir (2016a) descreve que:

Muitas vezes, durante os primeiros anos, a mulher cultiva ilusões, tenta admirar incondicionalmente o marido, amá-lo sem restrições, sentir-se indispensável a ele e aos filhos; depois, seus verdadeiros sentimentos se revelam; percebe que o marido poderia viver sem ela, que os filhos são feitos para se desprenderem dela: são sempre mais ou menos ingratos. O lar não a protege mais contra sua liberdade vazia; reencontra-se solitária, abandonada, um objeto; não sabe o que fazer de si mesma. O drama do casamento não está no fato de que não assegura à mulher a felicidade que promete — não há seguro de felicidade — e sim no fato de que a mutila; obriga a mulher à repetição e à rotina (Beauvoir, 2016a, p. 271-272).

O sofrimento psicológico que Penélope experimentou em virtude das incessantes submissões matrimoniais a levou a manifestar uma variedade de sintomas físicos e emocionais. Entre esses, destacam-se a ansiedade, o medo, a sensação de inferioridade, a insegurança e a baixa autoestima. Esses sentimentos são percebidos por sua filha, Leonor, conforme podemos constatar:

‘Querido diário, ontem disse-te que tinha pena dos meus pais, das suas vidinhas tristonhas, mas hoje o que sinto por eles é ÓDIO. Não são capazes de olhar para mim como pessoa. Querem que eu continue a ser um bebé para não verem a merda de vida que têm. Não me dão sequer o direito a umas horas de liberdade. Quando eu tiver dezoito anos eles vão ver. Ou melhor: nunca mais me vão ver. Que morram velhos e sozinhos a embirrar um com o outro. Aposto que os gêmeos também se vão fartar deles rapidamente. Ninguém os aguenta’. Pôs os auscultadores para não ouvir os chamamentos da mãe para o jantar. Detestava ainda mais a mãe do que o pai. Tinha as mamas descaídas e quase nunca usava soutien, a pretexto de que não gostava de se sentir apertada. Usava roupas demasiado largas que lhe davam um ar desleixado. Envergonhava-a o modo como ela gesticulava (Pedrosa, 2013, p. 90-91).

Simone de Beauvoir em *O segundo sexo: fatos e mitos* (2016b) revela uma crítica profunda à condição feminina ao longo da história e ao impacto da opressão patriarcal sobre a imagem e a essência da mulher. A autora argumenta que, ao submeter a mulher à escravidão e privá-la de sua autonomia, o homem não apenas a reduz a uma posição de subserviência, mas também desvenda e despoja seus atributos que a tornavam desejável e fascinante.

A autora sugere que a verdadeira força e magia da mulher se dissipam

quando ela é integrada a uma estrutura familiar e social que a marginaliza. Esse processo de despojo resulta na transformação da mulher de uma presa indomada, repleta de potencial e valoração intrínseca, em uma figura que não mais encarna os tesouros da Natureza. A citação abaixo ilustra, portanto, a crítica ao patriarcado, que não só explora e subjuga as mulheres, mas também perpetua a perda de suas ricas qualidades e a sua liberdade criativa. Desse modo, Beauvoir (2016b) retrata que:

O homem conseguiu escravizar a mulher, mas desse modo despojou-a do que lhe tornava a posse desejável. Integrada na família e na sociedade, a magia da mulher dissipa-se em vez de se transfigurar; reduzida à condição de serva, ela não é mais a presa indomada em que se encarnavam todos os tesouros da Natureza (Beauvoir, 2016b, p. 255).

Essa análise contribui para um entendimento mais amplo da opressão de gênero, destacando como a subjugação feminina não é puramente uma questão de poder social, mas também uma perda daquilo que torna a mulher singular e valiosa. A reflexão de Beauvoir nos provoca a reavaliar o papel das mulheres na sociedade e a reconhecer a necessidade de suas vozes e contribuições, que transcendem a mera função social a que foram relegadas.

Essa perspectiva é fundamental para a discussão sobre igualdade de gênero e a busca por um modelo social que valorize a individualidade e a liberdade de todas as pessoas, independentemente de seu gênero. À medida que Gabriel tem mais amantes, Penélope tenta preencher um vazio existencial de maneira ilícita, furtando joias, entrando em um labirinto de mentiras, frivolidades, traição e insensibilidade.

Penélope sempre tivera uma atração incontrolável por joias. Um dia, aparecera com uma gargantilha de ouro, dizendo que a encontrara caída na rua. Gabriel veio a saber através da mulher a dias que a empregada da limpeza da escola tinha sido despedida depois do desaparecimento de um colar de ouro da diretora. Penélope fazia desaparecer da joalheria um anel, uns brincos, uma pregadeira. Tinha o cuidado de só subtrair joias quando entrava uma nova balconista para a loja — e entravam sucessivas levadas de raparigas prontamente despedidas por suspeita de roubo (Pedrosa, 2013, p. 131).

Penélope parece estar aprisionada numa repetição de padrão, as mulheres que sofrem submissão recorrem a mecanismos de defesa de estratégia de adaptação e de sobrevivência. A personagem recorre ao furto de joias, talvez para adquirir um símbolo de feminilidade, se sentir confiante, superior, visto que nunca foi surpreendida cometendo o ato, o que indiretamente imputava a ação a terceiros, ou ainda prazer, pois a palavra joia vem do latim *jocalis*, aquilo que proporciona prazer, que, por sua vez, tem origem na palavra *jocus*, graça.

Essas são situações em que tenta satisfazer seus prazeres momentâneos por meio dos furtos e acúmulos de joias, o que podemos caracterizar como cleptomania.

Indivíduos com cleptomania descrevem o impulso para furtar como incongruente com o caráter ou moralmente errado.

4.2 Do sofrimento à liberdade: como a decisão do divórcio reinventou a vida de Penélope

Inicialmente, é importante ressaltar que cada caso de divórcio é único, com suas próprias nuances e circunstâncias. A decisão de se divorciar pode surgir de diversos fatores, como incompatibilidade de valores, falta de comunicação, abuso emocional ou físico, entre outros. Independentemente da causa, o sofrimento vivenciado durante o casamento pode ser intenso e prolongado, afetando negativamente a saúde mental, física e emocional da pessoa envolvida.

Porém, ao tomar a decisão de se divorciar, a mulher dá um passo corajoso em direção à sua liberdade. Ela reconhece que sua felicidade e bem-estar são fundamentais e busca uma vida mais autêntica, livre de relacionamentos nocivos. A partir desse momento, a mulher inicia um processo de reconstrução e reinvenção de si mesma. Visto que, conforme Saffioti (2015, p. 137): "O casamento, capaz de estabelecer relações igualitárias, ter-se-ia que dar entre indivíduos. Ora, não é isto que ocorre, pois ele une um indivíduo a uma subordinada."

A narradora de *Dentro de ti ver o mar* a autora Inês Pedrosa permite a observação do renascer de Penélope, pois a mesma não suportava mais se dedicar ao marido, e este idolatrar a imagem de uma mulher de uma caixa de leite colocada em um quadro, assim como o comportamento dos filhos e não obter reconhecimento:

A princesa russa ardia na lareira. Penélope contemplava as chamas, bebendo um copo de vinho. Pela primeira vez, atrevera-se a abrir uma garrafa de vinho só para si. Quando Gabriel lhe perguntasse pelo quadro da princesa, diria apenas: — Não faço ideia. Sabia que nunca mais a assustaria. Perdera-lhe o medo. Arranjara um amante. Saturara-se. Enjoava tudo em Gabriel. Até o cheiro. Não que estivesse apaixonada pelo homem novo; Gabriel esgotara a sua capacidade de apaixonamento (Pedrosa, 2013, p. 158).

Para Saffioti (2015), as mulheres se submetem à submissão não porque consentam, elas são forçadas a ceder porque não têm poder suficiente para consentir, é uma construção histórica e marcada na sociedade, a qual essa construção ideológica só é fortificada socialmente e para quem é direcionada só oprime cada vez mais a sua individualidade e sua vida em conjunto:

As indigentes torturas que Gabriel lhe infligia, à maneira de um domador de circo de província, tiveram o condão de manter uma espécie de volúpia

entre os dois. Penélope encarava com bonomia os desmandos desse que para todos os efeitos era seu marido, embora falasse dela sempre como “companheira”, o que lhe desafinava a tecla da estética (Pedrosa, 2013, p. 158).

Na sociedade patriarcal, a traição da mulher no matrimônio é considerada um comportamento inaceitável e imoral, pois, o casamento é percebido como uma instituição sagrada, onde as mulheres são vistas como propriedade de seus maridos. A expectativa era de que as esposas fossem submissas, obedientes e fiéis.

Essa visão é baseada em uma sociedade sexista, que valorizava a submissão das mulheres e controla sua sexualidade. A infidelidade no casamento não é igualmente condenada para homens, que muitas vezes são encorajados ou até mesmo elogiados por suas conquistas amorosas:

Durante alguns anos, suportara-os com o estoicismo dos culpados; julgava que Gabriel suspeitava da traição que dera origem aos gêmeos Bárbara e Luís. Nunca se lhes afeiçoara tanto como à primogênita; talvez reparasse que não havia neles qualquer traço seu. Quando compreendeu que a hipótese de que a mulher lhe pudesse ser infiel nem remotamente passava pelas meninges de Gabriel, Penélope parou de se sentir culpada (Pedrosa, 2013, p. 158).

Beauvoir (2016a) aponta para a complexidade e a variação cultural envolvidas na percepção do adultério, especialmente no que diz respeito às desigualdades de gênero. Ao afirmar que a infidelidade conjugal carrega significados distintos conforme os costumes e as circunstâncias, evidenciando que as normas sociais e os traços históricos moldam a compreensão do adultério, apresentando-o como um fenômeno não apenas moral, mas também sociocultural.

A autora destaca que, em uma sociedade ainda marcada por tradições patriarcais, a infidelidade masculina é frequentemente minimizada, enquanto a mulher que comete adultério enfrenta um estigma muito mais severo. Essa disparidade enfatiza a ausência de equidade nas relações de gênero, revelando como os padrões de comportamento sexual são frequentemente influenciados por construções sociais que perpetuam a opressão feminina. Nesse contexto Beauvoir (2016a), esclarece:

O adultério reveste aliás caracteres muito diferentes, segundo os costumes e as circunstâncias. A infidelidade conjugal apresenta-se ainda, em nossa civilização, em que as tradições patriarcais sobrevivem, como muito mais grave para a mulher do que para o homem (Beauvoir, 2016a, p. 358-359)

Vale ressaltar o fato de que, as alterações na dinâmica do relacionamento conjugal de Penélope e Gabriel deve-se provavelmente ao fato da infidelidade primária de Gabriel e suas relações afetivo sexuais extraconjugais, sendo a infelicidade e a insatisfação um dos principais motivos para a traição de Penélope, o

que poderíamos concluir como um comportamento emocional e não sexual:

Desconfiava que Gabriel a traía muito mais do que uma só vez — e isso a incomodava apenas por motivos de saúde. A traição dela fora uma só, e sem recordação de maior, com um homem que nunca mais tornara a ver — e poupava-lhe um terceiro parto, porque Gabriel decretara desde o início que queria ter três filhos (Pedrosa, 2013, p. 158).

O patriarcado corrente é uma sujeição a figura feminina, na qual foi tornada a consentir com as premissas de masculinidade tóxica, virilidade agressiva e patriarcal. A mulher era pressionada por meio da sociedade, em gerir acatamento e apenas permitir, contudo a baixa tolerância de Gabriel às imperfeições de sua esposa e às dificuldades inerentes a conjugalidade corroboraram para a metamorfose de Penélope:

No regresso da viagem familiar à Euro Disney, diria a Gabriel que queria se separar, e despejá-lo-ia de casa. Cuidara de se informar dos meandros jurídicos e sabia que os filhos a prefeririam a ela. Esperara que os garotos entrassem na adolescência. Não acreditava que ficassem traumatizados por deixarem de ver todos os dias um pai que, de qualquer modo, lhes dava pouca assistência. Acresce que também estava cansada de fazer de mártir dos filhos; nem sequer agradeciam (Pedrosa, 2013, p. 158).

A obra nos permite observar o anseio pela decisão do divórcio que abrirá portas para Penélope explorar novos interesses e oportunidades. Ela tem a chance de redescobrir suas paixões, hobbies e sonhos, que possivelmente foram negligenciados durante o casamento.

Outro aspecto relevante que a autora nos deixa transparecer é a possibilidade que o divórcio irá proporcionar a Penélope a chance de estabelecer novas conexões sociais e reforçar relacionamentos existentes, pois, mulher separada tem a oportunidade de reconstruir sua rede de amigos, fortalecendo laços saudáveis e apoio mútuo. Além disso, ela também pode buscar um novo parceiro, caso deseje, com base em critérios e valores que valorize e respeite sua autonomia e felicidade. Sobre isso, Beauvoir advoga:

Para a grande maioria das mulheres, este mundo conserva seu brilho depois do casamento; só o marido perde seu prestígio; a mulher descobre que a pura essência de homem nele se degradou. Contudo o homem continua sendo a verdade do universo, a autoridade suprema, a maravilhosa aventura, o senhor, o olhar, a presa, a salvação, o prazer; encarna ainda a transcendência, é a resposta a todas as perguntas. E a mais leal das esposas nunca consente em renunciar inteiramente a ele para se encerrar na morna companhia de um indivíduo contingente. Sua infância deixou-lhe a necessidade imperiosa de um guia; quando o marido malogra no desempenho desse papel, ela volta-se para outro homem (Beauvoir, 2016a, p. 351-352)

No patriarcado, o pedido de divórcio da esposa e a gravidez de outro homem

são vistos de forma negativa e desafiadora às estruturas tradicionais de gênero e poder, ou seja, a esposa que solicita o divórcio é considerada uma ameaça à figura masculina e ao modelo de família tradicional. A gravidez de outro homem é vista como uma traição à figura dominante do marido e como uma quebra das normas sociais estabelecidas. Ela desafia a ideia de que a esposa deve ser fiel ao parceiro e de que ele é o único provedor e progenitor legítimo.

Na obra *Dentro de ti ver o mar*, a complexidade desse tema se torna ainda mais evidente através da história de Penélope e seus filhos gêmeos. A traição de Penélope, que resulta na concepção dos gêmeos, representa uma metáfora clara das tensões entre os papéis de gênero tradicionais e as realidades contemporâneas. A ignorância de Gabriel sobre a verdadeira paternidade das crianças não apenas intensifica o conflito emocional da narrativa, mas também simboliza a persistente luta pela verdade e pela redescoberta da identidade em um contexto onde as convenções patriarcais ainda exercem forte influência. Portanto, a obra provoca reflexões sobre a necessidade de reavaliar as normas sociais que regem as relações de gênero e poder, questionando a legitimidade das estruturas que ainda prevalecem na sociedade.

Assim sendo, nesse contexto patriarcal a esposa que pede o divórcio ou é expulsa pelo marido pode ser estigmatizada e considerada uma mulher desobediente ou inadequada. Isso pode resultar em consequências negativas para ela, como discriminação, ostracismo social, perda de apoio financeiro, entre outras formas de violência e opressão. O homem, por sua vez, pode ser considerado traído além de estar isento de culpabilidade pela gravidez indesejada, já que, a mulher engravidou de outro homem e o enganou ao atribuir a paternidade.

4.3 Infância, beleza e o papel dos pais: uma abordagem crítica à sociedade patriarcal

A discussão sobre infância, beleza e o papel dos pais insere-se em um amplo contexto sociocultural marcado por padrões e expectativas de gênero, especialmente no âmbito da sociedade patriarcal. A infância, considerada uma fase crucial de desenvolvimento humano, é frequentemente mediada por normas sociais que refletem as hierarquias de poder e os ideais de beleza que prevalecem em uma determinada cultura.

Para a psicanálise o que acontece nos primeiros anos de vida do indivíduo tem o poder de demarcar vários eventos da vida adulta, inquestionavelmente deve-se priorizar a existência inata de vínculos comportamentais estáveis entre os pais a favor dos filhos, visto que a primeira relação afetiva se dá com suas figuras primárias. Em *Dentro de ti ver o mar* observamos como é retratada essa dinâmica

que envolve a personagem Eva:

A mãe de Rosa, Eva, dizia que o pai nunca crescera e só dizia disparates. Lembrava-se da sua mãe, acusando-o: — És um bêbedo. — Sou. Mas não incomodo ninguém. Eva não gostava de música porque a associava às discussões dos pais. Acordava com a mãe aos gritos, dizendo ao pai que só não o largava porque não teria capacidade para sustentar a filha sozinha (Pedrosa, 2013, p. 19)

As reflexões de Eva sobre seu pai revelam um círculo vicioso que confere ao pai uma posição de irresponsabilidade, enquanto também expõe as limitações impostas à mãe, que se vê presa em um relacionamento que impede seu pleno desenvolvimento e o de sua filha. O contraste entre a figura materna, que carrega o peso das expectativas e as responsabilidades parentais, e a figura paterna, marcada pela alienação e pela negação da adultidade, sugere um desbalanceamento que repercute diretamente no ambiente emocional da criança.

A associação que Eva faz da música com os conflitos matrimoniais ilustra como as esferas da arte e da expressão pessoal podem ser influenciadas por tensões familiares, desnudando a fragilidade da beleza em um contexto de dor.

Primordialmente, observa-se a importância do compromisso que os pais da criança devem ter em sua criação, uma vez que, eles são as primeiras referências que a criança tem, e são responsáveis por auxiliar na construção de princípios e valores. “A princípio tinha pena da mãe — mas um dia ela fugiu com um músico da orquestra onde o pai tocava, deixando uma nota em que pedia à filha que a desculpasse. Nunca mais a viu” (Pedrosa, 2013, p. 19). As vivências da infância e adolescência constituem a base, a estrutura da vida adulta. Por conseguinte, se a base estiver frágil e deficiente, a estrutura desmoronará com facilidade:

Eva pensava que amar era providenciar refeições, bons conselhos e bens materiais: não conhecia outro modo de exprimir afeto. Não se lembrava sequer de ter recebido um beijo da mãe. Quando acordava aos gritos, assombrada pelos muitos pesadelos [...] — Mas eu tenho medo. — Não há de que ter medo. Não sejas tonta. Fecha os olhos. Se voltares a ter pesadelos abre a luz e sossega. Já não tens idade para essas coisas (Pedrosa, 2013, p. 19).

O trecho apresentado revela uma labiríntica dinâmica na construção da afetividade e das relações familiares, destacando a perspectiva de Eva sobre o amor e o afeto. Sua compreensão parece estar pautada em um entendimento utilitarista do amor, é profundamente reveladora das experiências que moldaram sua visão de mundo. Este fragmento oferece uma rica reflexão sobre as concepções de amor, a importância do toque e do cuidado emocional, e as implicações que a falta desses elementos pode ter na vida de uma criança.

Assim sendo, a obra de Pedrosa sugere que a verdadeira expressão de afeto

transcende o material e deve incluir o reconhecimento e o acolhimento das vulnerabilidades humanas. A interação entre Eva e sua mãe pode ser vista como uma crítica às normas sociais que, muitas vezes, marginalizam as emoções, ao mesmo tempo em que acentuam a necessidade de uma relação mais genuína e atenta às necessidades afetivas.

A crítica à sociedade patriarcal emerge não só na representação das figuras parentais, mas também nas condições sociais que relegam a mulher a um papel secundário, onde a ausência de um suporte financeiro e emocional a força a permanecer em relações tóxicas. Este cenário nos convida a refletir sobre como as significações atribuídas à infância, à beleza e à parentalidade são moldadas por estruturas machistas que não apenas desumanizam os indivíduos, mas também fragilizam a beleza da infância, transformando-a em um campo de batalha onde as vulnerabilidades se entrelaçam com as distrações e os lamentos.

A infância é uma fase marcada por descobertas e aprendizados. É nesse período que as crianças estão moldando suas personalidades e construindo sua visão de mundo. Porém, infelizmente, nos contextos patriarcais, as expectativas em relação à aparência muitas vezes se tornam um dos principais mecanismos de controle social, influenciando tanto as meninas quanto os meninos, embora de maneiras distintas.

Desde tenra idade, as crianças são expostas a imagens e narrativas que promovem conceitos unidimensionais de beleza, frequentemente vinculados a valores de conformidade e submissão. Essas expectativas podem restringir a autonomia da criança e moldar sua autoimagem, levando à internalização de padrões prejudiciais. Nesse ínterim Beauvoir (2016a) enfatiza que:

[...] a menina será encorajada a alienar-se em sua pessoa por inteiro e a considerá-la um dado inerte. Ao passo que o menino procura a si próprio no pênis enquanto sujeito autônomo, a menina embala sua boneca e enfeita-a como aspira a ser enfeitada e embalada; inversamente, ela pensa a si mesma como uma maravilhosa boneca. Através de cumprimentos e censuras, de imagens e de palavras, ela descobre o sentido das palavras "bonita" e "feia"; sabe, desde logo, que para agradar é preciso ser "bonita como uma imagem"; ela procura assemelhar-se a uma imagem, fantasia-se, olha-se no espelho, compara-se às princesas e às fadas dos contos (Beauvoir, 2016a, p. 23).

A autora traz à tona reflexões profundas sobre as construções de identidade de gênero na infância, expondo a forma como as imposições sociais e culturais influenciam a percepção que meninos e meninas têm de si mesmos e de seu lugar no mundo. A diferença na forma como a menina e o menino se relacionam com seus corpos é particularmente reveladora. Enquanto o menino encontra sua autonomia e identidade de sujeito no seu órgão sexual, a menina é incentivada a se ver como um

objeto, uma "boneca", que deve ser adornada e valorizada por sua beleza, conforme as expectativas externas. Essa dicotomia evidencia como, desde cedo, as meninas são condicionadas a se alienar de suas próprias experiências, conformando-se a padrões de beleza e comportamento que são impostos pela sociedade.

A construção da autoimagem da menina, mediada pela comparação com figuras ideais como princesas e fadas, ressalta a superficialidade e a fragilidade dessas referências, que muitas vezes estão distantes da realidade. O desejo de ser considerada bonita torna-se um imperativo, e a busca pela validação externa se transforma em um dos pilares da sua autoestima.

Os pais, como principais guias nessa jornada da infância, têm um papel fundamental na quebra desses padrões e na construção de uma visão mais saudável e inclusiva de beleza. Em primeiro lugar, é necessário que os pais reconheçam e desconstruam seus próprios preconceitos e padrões estabelecidos pela sociedade patriarcal.

A conjuntura perturbadora da relação vivenciada pela personagem Eva na adolescência e sua mãe, sendo a presença do trauma relacionado obscuridade dessa relação, em virtude não só da falta de afeto, mas de práticas de abuso psicológico, onde a mãe a apelidava de gorda e balofa, sujeitando-a a situações constrangedoras:

O desaparecimento da mãe, quando Eva tinha treze anos, fora menos um choque do que uma libertação: já ninguém a mandava rir mais baixo, sentar-se de pernas juntas, dar beijinhos às vizinhas ou evitar ser saliente. E já ninguém lhe dizia que estava muito gorda. Para a mãe, Eva sempre fora muito gorda. — Tão engraçada, a sua menina... — É, mas está um bocado balofa (Pedrosa, 2013, p. 19).

A experiência materna é, um dos pilares significativos na construção da identidade e do bem-estar emocional de um indivíduo. No caso de Eva, a ausência de uma maternidade humanizadora, afetiva e orientadora configurou um cenário em que os próprios elementos de sua formação psíquica e afetiva foram comprometidos. Uma figura materna que não proporciona um espaço de acolhimento, compreensão e orientação, muitas vezes se transforma em um obstáculo ao desenvolvimento saudável do filho, limitando sua capacidade de explorar e reconhecer tanto o seu universo interior quanto os contornos do mundo exterior.

A adolescência, uma fase repleta de transformações e descobertas, tornou-se para Eva um período de circunstâncias impactantes, permeadas por perdas significativas. Estas perdas, longe de serem meras vicissitudes da vida, revelaram-se como marcos cruciais que exigiram dela uma reorganização complexa de sua identidade e de suas referências emocionais. A falta dessa conexão afetiva e tutelar

com sua mãe trouxe à tona desafios que comprometem não apenas a capacidade de Eva de lidar com suas emoções, mas também sua habilidade de se relacionar com o mundo e com os outros ao seu redor.

Sobretudo na vida adulta, essas experiências precoces se converteram em situações delicadas, onde a aceitação da própria imagem corporal emerge como um campo de batalha representativo das feridas da infância. Diante de um olhar crítico que muitas vezes se volta consigo mesma, Eva enfrenta a luta interna entre a autoimagem e a forma como é percebida pela sociedade.

A imagem corporal, segundo Shilder (1999, p. 7), é “a figuração de nosso corpo formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós”. Essa definição dialoga com a concepção de Tavares (2003, p. 15), que enfatiza que: “imagem corporal engloba todas as formas pelas quais uma pessoa experencia e conceitua seu próprio corpo”. Dessa forma, ambos os autores ressaltam a importância da subjetividade e das interações sociais na formação da imagem corporal. Indubitavelmente, aspectos importantes sobre a imagem corporal e sua construção na mente do indivíduo, se tornam ainda mais significativos quando analisados dentro do contexto de uma sociedade patriarcal.

Eva Cabral morrera ingloriamente, aos sessenta e dois anos, na maca de onde pretendia sair com uma redução de dez quilos e de vinte anos. Embolia. Assinara um termo de responsabilidade, sabia os perigos que corria, tinha um sopro no coração (Pedrosa, 2013, p. 76)

Dessa forma, observamos mais um exemplo da submissão feminina à ditadura da beleza, na qual a busca por padrões físicos impostos por uma sociedade patriarcal leva muitas mulheres a se submeterem, diariamente, a cirurgias plásticas e procedimentos estéticos, com o risco, em várias ocasiões, de comprometer sua saúde e até sua vida.

Em um contexto patriarcal, a imagem corporal das mulheres é ainda mais impactada por expectativas de gênero que estabelecem que a aparência deve estar sempre em conformidade com certos critérios. Esse fenômeno pode causar uma internalização negativa, levando as mulheres a se avaliarem de forma rígida e crítica, com base em comparações que perpetuam a desigualdade de gênero. Como consequência, essa internalização frequentemente resulta em transtornos alimentares, problemas de saúde mental e uma luta constante para se adequar a padrões inatingíveis.

A idealização de corpos considerados perfeitos ou desejáveis é constantemente difundida, gerando um sentimento de inadequação naqueles que não se enquadram nesses padrões predefinidos. Lauretis concorda com autor Foucault, afirmando que:

A sexualização do corpo feminino tem sido, com efeito uma, das figuras ou objetos de conhecimento favoritos nos discursos da ciência médica, da religião, arte, literatura, cultura popular e assim por diante. A partir de Foucault surgiram vários estudos abordando o tópico, com maior ou menor explicitação, dentro de seu arcabouço metodológico histórico; mas a conexão entre a mulher e a sexualidade, e a identificação do sexual com o corpo feminino, tão difundidas na cultura ocidental, já há muito vêm sendo umas das preocupações centrais da crítica feminista e do movimento de mulheres independentes, é lógico, de Foucault (Lauretis, 1999, p. 221).

Essa pressão estética tem impactos significativos na autoestima e na saúde mental das pessoas, principalmente das mulheres, que são as maiores vítimas desse sistema opressor. A obrigação de estar constantemente preocupadas com a aparência física e em conformidade com os padrões estabelecidos impede o pleno desenvolvimento pessoal e limita as possibilidades de expressão individual:

O canal de televisão ocultou a humilhação daquela morte, menos por atenção à ex-apresentadora do que por cuidado com a sua própria imagem — se a notícia do desespero da mulher corresse, logo alguém recordaria que Eva fora enxotada dos ecrãs dois anos antes, e os diretores da televisão seriam transformados em homicidas na opinião pública. Divulgou-se que Eva morrera devido a problemas cardíacos (Pedrosa, 2013, p. 76).

Russo (2005, p. 80) evidencia que: “a indústria corporal através dos meios de comunicação encarrega-se de criar desejos e reforçar imagens, padronizando corpo”. Corpos que se veem fora dos ditames, sentem-se cobrados e insatisfeitos, a respectiva contribuição produzida pela mídia em mostrar corpos atraentes, faz com que uma parte de nossa sociedade se lance na busca de uma aparência física idealizada. Nesse contexto a autora Simone Beauvoir (2016a) dialoga com o autor acima, quando afirma que:

[...] a própria sociedade pede à mulher que se faça objeto erótico. O objetivo das modas, às quais está escravizada, não é revelá-la como um indivíduo autônomo, mas ao contrário privá-la de sua transcendência para oferecê-la como uma presa aos desejos masculinos; não se procura servir seus projetos, mas, ao contrário, entravá-los (Beauvoir, 2016a, p. 332).

Esta ideia subjetiva e, às vezes, coletiva de imagem está associada ao contexto social que propõe atributos corporais tais como: juventude, magreza, e beleza, ideais que circula de forma bem clara pela mídia televisiva, sites e revistas o que corrobora a ideia de que a construção da imagem corporal sofre influência do ambiente cultural de uma sociedade patriarcal no qual a mulher está inserida.

Provavelmente, devido a todas essas circunstâncias de cobranças vividas por Eva na infância, adolescência e vida adulta sobre sua imagem corporal, infelizmente ela propaga estas inseguranças e exigências na filha Rosa:

Valera-lhe o exemplo da mãe, vedeta de televisão algemada aos humores de chefes anônimos e tonitruantes. Tratava-os por tu, mas cumpria todas as ordens deles, ao milímetro. Fazia vender revistas, mas sabia que, no dia em que decidissem, passaria ao esquecimento — e, se não tivesse cuidado, à pobreza. — Sim, Carlos, como quiseses. — Sim, Zé Augusto, cinco quilos eu perco num instante. Aos dezesseis anos Rosa dissera que aquele trabalho não era mais do que prostituição, e da pior — com chulos exigentes. Como se ela não vivesse vergada a um regime alimentar tirânico e o seu corpo adolescente não fosse controlado por treinadores e médicos. A mãe dera-lhe uma bofetada e fechara-se no quarto a chorar (Pedrosa, 2013, p. 34).

Compreender a relação entre a imagem corporal, a infância e o papel dos pais requerem uma análise crítica da sociedade patriarcal em que estamos inseridos. Tavares (2003, p. 36-37) ressalta que: “o conceito de imagem corporal vai além de uma simples definição; ele envolve uma intersecção entre o entendimento teórico e a vivência do corpo na sociedade”. Essa perspectiva é especialmente relevante quando consideramos o contexto da infância, período em que as crianças estão formando suas identidades e conceitos de beleza, muitas vezes influenciados por normas sociais e estéticas que predominam na cultura patriarcal.

O conceito de imagem corporal de Rosa estava abalado, visto que muitas inquietações foram retratadas ao longo do livro, refletindo de maneira negativa as aspirações de Eva sobre Rosa, ao propósito, estar com o “corpo belo” era a busca de realização e transformação através do corpo:

Precisava de ir muitas vezes à casa de banho porque estava em dieta permanente, bebia dois litros de água por dia desde que o delegado de propaganda médica a trocara por outra. Engordara ao renunciar à preparação de bailarina. Continuava a ser magra, mas ganhava ancas e barriga, o que a incomodava, por muito que as amigas fizessem troça. [...] Foi uma sorte livrares-te daquele bimbo, rapariga. Um gajo que te dá sapatos amarelos de salto agulha não pode ser bom. Se queria uma namorada alta fosse procurar a uma equipa de basquete. [...] — Não é preciso ser-se doido para se gostar de ti, Rosa. Nem precisas de te tornares no que não és. O que sou eu? — perguntava Rosa. A pergunta repetia-se tanto dentro da sua cabeça que às vezes temia enlouquecer (Pedrosa, 2013, p. 34-35).

Dessa forma, a sociedade patriarcal estabelece padrões de beleza restritivos que potencialmente comprometem o desenvolvimento saudável da infância. Torna-se imperativo que os pais reconheçam essa influência nociva e atuem de maneira proativa na desconstrução desses critérios estéticos. A infância é um período crucial de descobertas e aquisições de conhecimento, sendo fundamental que essas experiências sejam fundamentadas na valorização da diversidade, na promoção da inclusão e no respeito às diferenças.

4.4 Emocionalmente subjugada: a perspectiva da submissão afetiva de Rosa

Inicialmente ao tratarmos de submissão, devemos considerar as profundas consequências psíquicas sofridos por mulheres que são surpreendidas pela dor psicológica provocada pela subalternidade de seus desejos e anseios. Nesse sentido, Bourdieu (2012) descreve que:

À diferença das mulheres, que estão socialmente preparadas para viver a sexualidade como uma experiência íntima e fortemente carregada de afetividade, que não inclui necessariamente a penetração, mas que pode incluir um amplo leque de atividades (falar, tocar, acariciar, abraçar etc.). os rapazes tendem a "compartimentar" a sexualidade, concebida como um ato agressivo, e sobretudo físico, de conquista orientada para a penetração e o orgasmo (Bourdieu, 2012, p. 30).

Verificamos no trecho abaixo como a construção da personagem Rosa delinea os traços comportamentais do ser feminino, notadamente abusada emocionalmente o que demarca a superioridade masculina representada por Gabriel:

Na noite anterior Gabriel adormecera nos braços de Rosa, depois de se consumirem na vertigem do corpo até a exaustão, ao acordar, [...] Gabriel vestiu-se rapidamente, titubeou que estava muito atrasado e fugiu do quarto de Rosa. Passou por ela no buffet do almoço como se nem sequer a conhecesse. Sem intenção de a desfeitear: apenas não sabia o que fazer [...] “Não me viu.” Pensou em simultâneo: “Se gostasse de mim, pressentia-me, cheirava-me, mesmo que não me visse.” E foi nesse preciso segundo que o coração desabou. Não às duas horas da madrugada, quando se ajoelhara aos pés de Gabriel suplicando: — Dorme comigo. Por favor, dorme comigo. Pelo menos esta noite. Também não foi às duas e doze que desabou, quando, de novo excitado, Gabriel acedeu: — Durmo contigo, pronto. Mas só esta noite. É muito complicado para o meu equilíbrio emocional, entendes? E eu não quero que as pessoas percebam esta coisa entre nós (Pedrosa, 2013, p. 21-22).

Nesse fragmento, o ponto de vista de Rosa parece ser de alguém que procura encontrar nas entrelinhas das falas de Gabriel algo para justificar sua fantasia e a mesma não consegue visualizar as reais intenções deste, pois está presa em meio a carências afetivas e Gabriel ao perceber isto a manipula sexualmente em seu favor.

[...] — Entendes? Nesse instante, Rosa concentrou-se no amor. Na ideia do amor, a que podia agarrar-se através das expressões “equilíbrio emocional” e “entre nós”. Acreditara poder demolir o equilíbrio dele com uma avalanche de beijos. [...] Sabia que era um pensamento infantil, uma fantasia da sua solidão, sabia que o homem que queria ver em Gabriel não existia nele, mas beijou-o milímetro a milímetro, demorando-se com particular afínco no centro do corpo [...] pensou que gostaria de ser assim beijada. Pensou na quantidade de vezes em que ele lhe pedira que o beijassem todo, e na solicitude com que correspondera ao pedido. Quando ela lhe pedia o mesmo, ele respondia: — Ainda não. Beijo-te como e quando eu quiser.

Rosa pensou, envergonhadamente, que se tinha deliciado com aquela recusa. Gostava que Gabriel fizesse dela tudo aquilo que lhe apetecesse. Gostava de o servir. De ser usada por ele (Pedrosa, 2013, p. 22).

A autora desvela as angústias da opressão da mulher emocionalmente envolvida com um homem, já casado no contexto do patriarcado, representando a personagem feminina em condições de subalternidade em relação ao pai, ao amante e à sociedade:

Gabriel entendia que o lugar de Rosa era muito mais auspicioso: tinha uma vida livre, com aclamação e sem responsabilidades familiares. Parecia-lhe natural que o desejo dela se sintonizasse com o dele; e irritava-o que Rosa não entendesse o mérito excepcional da sua entrega, a ginástica hercúlea que ele fazia para articular aquela relação com uma vida de trabalho e família, isto além da preocupação que demonstrava em fazê-la atingir os cumes do prazer. Unia-os uma implacável energia erótica, potenciada por uma simpática cumplicidade intelectual (Pedrosa, 2013, p. 24).

Os seres humanos em geral buscam escapar do sofrimento e anseiam desesperadamente a felicidade e o prazer. Para Rosa o ápice do prazer supremo ocorre junto ao corpo de seu amante Gabriel. Dois corpos que anseiam a plenitude, o prazer total provocado pelo orgasmo, nesse momento de dominação e rendição:

Rosa escrevera aquela letra apenas para que Gabriel soubesse aquilo que nem morta admitiria: que deixaria que lhe cortassem as cordas vocais para poder ficar com ele. Trazia cada uma das carícias dele na memória dos seus dedos e tocava-se exatamente como ele a havia tocado. Nunca era a mesma coisa. — Diz-me que és minha e só minha. — Sou só tua. — Quero entrar em ti, e dentro de ti ver o mar. Dentro de ti ver o mar. A frase era dele, e dissera-a sem sequer gaguejar. Dentro dela Gabriel perdia completamente a gaguez. A frase era dele e agora Rosa esperava que viesse reivindicá-la. Era esse o seu engenho emancipatório. Dessa frase que não lhe pertencia surgira uma letra de fado e o sucesso da fadista (Pedrosa, 2013, p. 33-34).

A narradora remete a vários pensamentos sobre Rosa, pois mesmo tendo seu círculo de amizades, o fado a mesma desvela uma experiência solitária, demarcada pela sensação de abandono e ausência de suporte emocional, onde qualquer migalha de afeto emitido por Gabriel é suficiente no preenchimento de seu vazio emocional:

Gabriel, a verdade é que custa muito que nunca tenhas necessidade de me fazer um telefonema rápido a dizer bom dia, que os dias passem sem um sinal teu. É difícilimo conjugar a intensidade do nosso encontro com a intensidade da tua ausência. Queria encontrar a temperatura certa. Não te queria perder (Pedrosa, 2013, p. 46).

Outrossim, Rosa tem sua trajetória marcada pela contradição, se, por um lado, cultiva o relacionamento com Gabriel como amante dele e à espera do dia de tê-lo apenas como seu, mas por outro lado, sabe-se descrente em relação à

concretização:

[...] eu me senti humilhada pela tua recusa inicial em dormires comigo, e pior ainda ao acordar, quando fugiste sem quase uma palavra, depois de me teres dito que não voltarias a dormir comigo. Perguntarás: se tudo foi tão infernal, porque pensava eu de novo em dormir contigo? Em primeiro lugar, porque te desejo, o prazer que sentimos juntos é qualquer coisa que não se encontra ao virar da esquina (pelo menos, das minhas esquinas...). E em segundo lugar, também para matar essa memória terrível daquela que fora a nossa única e última noite (Pedrosa, 2013, p. 47).

A personagem parece construída propositalmente imersa nessa letargia, de reconhecimento da submissão sofrida, numa espécie de convite da escritora para uma discussão acerca da insustentabilidade de manter um relacionamento saudável para si com circunstâncias tão subalternas com estas:

Compreende, por favor, que é difícil para mim — que não tenho um amor na minha vida, um par — ter uma relação tão intensa fisicamente com uma pessoa com quem partilho muitos gostos e cumplicidades sem romantizar. Ainda por cima perguntas se houve outras pessoas e dizes — como já tinhas dito também da outra vez — que se soubesses que eu tinha relações com mais alguém não serias capaz de estar comigo. Claro, há qualquer coisa de terno nessas frases; mas quando depois os dias passam no silêncio pensamos: com que direito me faz ele estas perguntas, estas exigências, este homem que todas as noites dorme com outra mulher? (Pedrosa, 2013, p. 47-48).

No trecho abaixo, podemos perceber uma essencialidade fática de comunicação que também concorre para a tentativa de Gabriel para a construção de uma Rosa “adaptada” a um triângulo amoroso e às circunstâncias que essa relação implica. Não se observa paixão, nem um sentimento mais forte e afetivo em suas palavras:

[...] eu acharia normal que tu tivesses tido outras pessoas, e não deixaria de dormir contigo por isso. Não foi o que me disseste: chegaste a dizer-me que sabias que isto era injusto, mas se soubesses que eu tinha outra relação, não serias capaz de estar comigo. Numa não relação como a que queres (porque o teu desenho mental e factual não é o de uma relação clandestina, mas de um encontro que pode acontecer de vez em quando, quando entendes ter disponibilidade), isso não pode acontecer. Precisamente porque não é justo — cria uma desigualdade insuportável entre nós dois (Pedrosa, 2013, p. 49).

Sendo assim, encontramos no transcorrer da obra, a representação de mulheres na sociedade, que assim como a personagem Rosa, deixam de comandar suas ações por causa de medos, vulnerabilidades afetivas, em crises de identidade, outras vezes impulsionadas para iniciarem reviravoltas radicais em suas vidas, ou ainda conformadas com sua condição submissa, incoerentes com seus próprios pensamentos:

Às quatro da madrugada do primeiro dia do ano de 2004, Rosa carregava nas letras do teclado do computador portátil, escrevendo a Gabriel um e-mail de despedida, ao qual procurou dar um tom meigo. Dizia-lhe, em suma, que não tinha vocação para ser “a outra”, que lhe agradecia a descoberta de novos patamares de prazer físico, mas que não conseguiria continuar a entregar-se a um homem que nem sequer estava disponível para se confessar apaixonado por ela. Terminada a ronda familiar por museus e igrejas, Gabriel respondeu ao fim da tarde desse primeiro dia, solicitando um derradeiro encontro para que conversassem com calma. Rosa respondeu que, a não ser que ele tivesse qualquer coisa de diferente para lhe dizer, não via razão para terem a tal conversa. Mediu esperançosamente cada uma das palavras desse e-mail: apontar para uma mudança não era o mesmo que exigir uma mudança; pedia-lhe apenas uma palavra — a palavra amor (Pedrosa 2013, p. 63).

A rotina de submissão cultivada durante os anos de convivência e manipulação de Gabriel deveria ser substituída por uma nova vida que Rosa, tanto queria mesmo assim, estava ‘habituada’ a tê-lo como amante, pois, para ela, talvez isso fosse melhor do que não ter nada:

Dois dias mais tarde, lembrou-se de lhe fazer uma pergunta. Gabriel não seria tão insensível que deixasse uma pergunta sem resposta. “Fazer amor sem amor não existe, Gabriel. O que é que andámos a fazer, explicas-me?” Gabriel explicou: “O que andámos a fazer? Eu andei a ter uma relação com alguém de quem gosto, deixando que em momentos se soltasse o desejo e a ternura. Como te disse há mais de um ano, e repito, para desmentir qualquer réstia de dúvidas que possas ter: não estou apaixonado por ti. Dizer-te a verdade parece ter sempre funcionado contra mim, não sei por que razão. Sou feliz com a minha família, e não tenciono trocá-la nem por ti nem por ninguém. Não te disse isto várias vezes? (Pedrosa, 2013, p. 64).

Gabriel em seu íntimo, demonstra em suas contrariedades que espera de Rosa a abdicação do seu papel de agente ativa no relacionamento ‘fora da cama’, espera que ela siga renunciando a uma vida própria, que poderia ser construída segundo os seus ideais íntimos, pois desse modo, Rosa estaria disponível sexualmente para quando Gabriel precisasse, submetendo-a assim a ser um capricho sexual, algo fora da rotina matrimonial que mantém com Penélope.

O único amor verdadeiro, imune à erosão dos dias, era o que sentia pelos filhos. Esse amor era o seu esteio. Um dia Rosa seria mãe e perceberia isso. Mas a imagem de Rosa grávida perturbava-o. Por muito que racionalizasse, não suportava a ideia de que outro homem pudesse obter dela a rendição. Dissera-lhe muitas vezes que seria bom que ela também fosse casada, que desse modo aquela relação poderia ser vivida em justa simetria. Infelizmente, essa ideia não lograva subsistir dois minutos na sua cabeça sem o atormentar: Rosa, na cama com outro? Rosa, gerando o filho de outro? Como poderia abraçá-la, beijá-la e possuí-la com a mesma sensação de soberania, sabendo que ela repetia esses gestos com outro? Como poderia suportar esse fantasma? Um caso a estudar mais tarde, quando o problema se tornasse real (Pedrosa, 2013, p. 79).

Segundo Bourdieu (2012, p. 30), “[...] o ato sexual em si é concebido pelos

homens como uma forma de dominação, de apropriação, de posse". A masculinidade é associada à dominação e controle, isso implica que muitos homens podem ver o sexo como uma forma de exercitar poder sobre suas parceiras, o que reitera as desigualdades de gênero existentes na sociedade.

Nesse contexto, o amor é entendido não como uma relação de parceria e igualdade, mas como uma forma de apropriação. Gabriel considera a ideia de Rosa grávida como perturbadora, evidenciando um ciúme possessivo que remete à ideia de que o corpo e a sexualidade da mulher são, em última análise, propriedade masculina. A ansiedade em relação a outros homens que poderiam obter a rendição de Rosa sugere que sua identidade e valor dependem da exclusividade de sua relação com ele, algo que é reforçado por normas sociais que privilegiam a virgindade e a pureza feminina.

Apesar de não retratar a virgindade na obra, podemos notar nas palavras do autor o tão mesquinho é o sentimento de posse do homem representado por Gabriel. Inês Pedrosa em sua obra, faz nos perceber que Rosa anula-se enquanto ser humano feminino diante das imposições de Gabriel e cogita várias possibilidades para manter este ser amado ao seu lado.

[...] — Se não fosse pai, era comigo que ele escolheria viver. Rosa, que se julgava capaz de encarar todas as suas verdades, andou mais de um ano a enganar-se com reflexões destas que lhe serviam de cenário para as ausências de resposta de Gabriel, os encontros marcados e desmarcados, a ligeireza às vezes brutal das suas palavras. Nunca pensou fazer-lhe um filho, isso não, porque seria admitir que o amor que circulava entre eles não se bastava a si mesmo. E porque sentia pavor da maternidade, ela que nem sequer se sentira ainda filha (Pedrosa, 2013, p. 91-92).

Diante desse cenário de ilusões em que Rosa vive, Beauvoir em sua obra *O segundo sexo: a experiência vivida* (2016a) nos oferece uma análise profunda das dinâmicas de amor e idealização que permeiam as relações entre homens e mulheres, especialmente na construção da identidade feminina. Alertando para a ilusão que muitas mulheres se permitem, ao acreditarem que a experiência singular de amor é suficiente para transcender suas condições sociais e existenciais.

A autora observa que, no calor da paixão, as mulheres tendem a se esquecer do contexto mais amplo que as envolve – o "geral" que se relaciona ao "singular". Essa ilusão é alimentada pelo desejo masculino, que muitas vezes apresenta o amor como uma forma de redenção e transcendência.

O arrebatamento que se sente no momento da entrega amorosa é descrito como um instante absoluto, um momento em que parece haver uma suspensão do tempo e das realidades cotidianas. Entretanto, essa experiência intensa é apresentada como uma armadilha, uma forma de alienação que pode levar a mulher a acreditar que sua singularidade e beleza foram eternamente destinadas à

adoração masculina, desconsiderando suas próprias aspirações e personalidades. Ao divinizar-se pelo amor do homem, a mulher corre o risco de perder de vista sua própria autonomia e identidade individual.

A situação vivenciada por Rosa, na obra *Dentro de ti ver o mar*, se caracteriza pela repetição de experiências desprazerosas, revela um complexo quadro de dor e sofrimento psíquico que a impede de elaborar adequadamente os traumas enfrentados. Esta dinâmica sugere, de maneira clara, a presença de traços de submissão emocional e carência afetiva que permeiam sua relação, evidenciando um padrão de comportamento que se instala como nocivo.

Rosa mergulhara no corpo de Gabriel porque lhe cheirava o sangue em ebulição, a violência rasa. Transformara aquela violência em entrega, rendição. O amor exigia vítimas e carrascos, o fluxo de energia que trocavam entre si, confundindo prazer e dor. Gabriel não o desconhecia; exercia a violência em doses controladas para que ela não o domasse (Pedrosa, 2013, p. 107).

A metáfora utilizada por Pedrosa (2013) ao descrever Rosa mergulhando no corpo de Gabriel traz à tona a intensa conexão entre prazer e dor, numa relação marcada pela violência, que, em última análise, se transforma em um ato de entrega e rendição. A alusão ao "sangue em ebulição" e à "violência rasa" é uma representação poderosa de como esta relação conflituosa se estabelece, onde a dinâmica entre vítimas e carrascos se torna indistinta. Gabriel, ciente dos efeitos de sua ação, usa a manipulação de forma a não permitir que Rosa o domine, indicando uma relação de controle e subordinação que reforça a complexidade de sua interação.

Nessas passagens observamos um tipo de mulher muito comum na sociedade patriarcal: a mulher sem voz, que se contenta muitas vezes com o pouco que o mundo lhe oferece, a mulher que busca um amor verdadeiro ainda que essa relação não lhe confira plenitude. Conforme, Simone de Beauvoir (2016a):

Fazer-se objeto, fazer-se passiva não é a mesma coisa do que ser um objeto passivo: uma mulher amorosa não é nem uma sonsa nem uma morta; há nela um impulso que sem cessar se abate e se renova; é o impulso rendido que cria o encantamento em que o desejo se perpetua. Mas o equilíbrio entre o ardor e o abandono é fácil de destruir. O desejo do macho é tensão: pode invadir um corpo em que nervos e músculos se retesam; atitudes e gestos que exigem do organismo uma participação voluntária não o contrariam e, muitas vezes, ao contrário, servem-no (Beauvoir, 2016a, p. 131-132).

Neste contexto, a assertiva de Gabriel de que não está apaixonado por Rosa e a insistência na sua fidelidade à família põe em evidência a dualidade da sua condição: o desejo de permanecer em um papel socialmente aceito como marido e pai, ao mesmo tempo em que se permite explorar relacionamentos que desafiam

essa estrutura. A frase "Dizer-te a verdade parece ter sempre funcionado contra mim" é particularmente reveladora e sugere uma internalização das expectativas patriarcais, onde honestidade pode ser interpretada como uma fraqueza ou uma ameaça à masculinidade. A verdade aparece como um fardo, indicando que a comunicação aberta e sincera é menos valorizada do que a manutenção das aparências.

Como te disse há mais de um ano, e repito, para desmentir qualquer réstia de dúvidas que possas ter: não estou apaixonado por ti. Dizer-te a verdade parece ter sempre funcionado contra mim, não sei por que razão. Sou feliz com a minha família, e não tenciono trocá-la nem por ti nem por ninguém. Não te disse isto várias vezes? (Pedrosa, 2013, p. 64).

Por certo, isso ilustra de forma incisiva as dinâmicas de uma sociedade patriarcal, na qual as relações afetivas e matrimoniais são frequentemente marcadas por desigualdades e expectativas desiguais. Gabriel, ao reafirmar sua felicidade na vida conjugal com Penélope, mesmo mantendo múltiplos relacionamentos extraconjugais, revela uma faceta do patriarcado que perpetua a ideia de que a satisfação e a realização do homem são prioritárias, enquanto a mulher é frequentemente relegada a um papel secundário e subalterno. Nesse sentido, ainda conforme Beauvoir (2016a):

Uma das desgraças da amorosa está em que seu próprio amor a desfigura, a aniquila; fica sendo somente essa escrava, essa criada, esse espelho por demais dócil, esse eco por demais fiel. Quando o percebe, seu desespero diminui-lhe ainda o valor; em meio às lágrimas, às reivindicações, às cenas, acaba perdendo todo atrativo (Beauvoir, 2016a, p. 486).

A autora traz à tona a ideia de que, ao se deixar consumir por um amor que exige submissão, a pessoa amorosa se transforma em uma mera projeção das expectativas do outro, perdendo gradualmente suas próprias características e desejos. A figura da escrava e da criada sugere uma dinâmica de poder desigual, onde um dos parceiros se coloca em posição subserviente, comprometendo sua autonomia e integridade emocional. O uso de "espelho" e "eco" indica uma relação onde o amor se torna reflexo das necessidades do outro, negligenciando os próprios anseios e necessidades.

Além disso, o desespero que acompanha essa percepção é um sinal da luta interna contra essa diluição da identidade. Quando a mulher se dá conta de que sua paixão a transformou em uma sombra de si mesma, o valor que detinha em sua autonomia é ainda mais diminuído pelo sofrimento e pela vulnerabilidade.

4.5 Silenciada: o assassinato do feto de Svetlana

Inês Pedrosa em *Dentro de ti ver o mar* evidencia que toda mulher tem direito a ter uma vida sexual saudável e divertida, ressaltando que somente a ela cabe decidir quando iniciar sua vida sexual, como torná-la segura e com quem compartilhará tais experiências. A narradora dá voz a personagens oprimidas, como é o caso de Svetlana, uma jovem imigrante da Ucrânia que engravida de Gabriel. Quando esta faz o anúncio da gravidez, suas angústias e crise individual são manifestadas com a recusa de Gabriel.

Gabriel explicava a Svetlana que não poderiam ver-se tantas vezes, por causa do seu “equilíbrio emocional”. Três meses volvidos, ela veio anunciar que estava grávida. — De mim não pode ser. Sabes que não. — Não te lembras daquela vez em que te esqueceste? Além disso, os preservativos rompem-se. Não me ofendas. Não dormi com mais ninguém. — Sabes que isto não pode ter acontecido. Sabes que eu tenho uma família. — Sei que vamos ter um filho. — Tu não podes fazer-me isto (Pedrosa, 2013, p. 150).

Como se trata de relações de poder que Gabriel mantém com a maioria das mulheres descritas na obra, estas mulheres se tornam para ele um campo de experimentos, que lhe possibilita seduzir, ter relacionamentos sexuais, usar a mocidade, vulnerabilidade e analisar as reações de suas presas e assim o faz para melhor frustrá-las. Nesse sentido, Bourdieu (2012) afirma que:

A dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os habitats (Bourdieu, 2012, p. 45).

Na tentativa de dar conta deste objetivo, tenta persuadir Svetlana ao questioná-la se o filho era dele e ao afirmar que já possui três filhos e não poderia ter mais um, ou seja, induzindo-a a cometer um aborto.

Gabriel procurou recompor-se. Se a intimidasse, não conseguiria demovê-la daquela obstinação de lhe arruinar a vida com um filho. — Compreende, Svetlana. Eu tenho responsabilidades. O negócio está fraco. Tenho três filhos. Não tenho condições para sustentar mais nenhum. — A vida não precisa de condições. — Nunca te prometi nada. Sempre te disse que isto era apenas uma atração física. E amizade. — Ainda bem que não tenho mais amigos como tu [...] Gabriel disse que não estava em condições de continuar aquela conversa. Sentia o coração a bater descompassadamente. Tinha suores frios. Precisava de pensar com calma. Com muita calma (Pedrosa, 2013, p. 151).

O trecho apresentado reflete de maneira incisiva as dinâmicas de poder no

contexto patriarcal e a submissão feminina, temas que perpassam a literatura e a análise social. A referência ao direito de vida e morte e à 'pátria potestas' englobam a ideia de um domínio masculino que se estende não apenas às relações familiares, mas a toda a estrutura social, onde o homem historicamente detém o controle sobre as decisões que afetam a vida das mulheres e dos filhos.

No diálogo entre Gabriel e Svetlana, percebemos uma clara manifestação dessa estrutura de poder. Gabriel, que representa a figura masculina, tenta justificar sua falta de compromisso e responsabilidade com um argumento pragmático sobre suas condições financeiras e sua sobrecarregada paternidade. Ele se coloca em uma posição de autoridade ao afirmar que não prometeu nada além de uma relação efêmera, reforçando a ideia de que as decisões e os vínculos emocionais são, em última análise, moldados por ele.

Por outro lado, Svetlana, representando a figura feminina, é colocada em uma posição subserviente. Sua afirmação de que 'a vida não precisa de condições' sugere uma luta interna contra a opressão de uma lógica patriarcal que não legitima suas emoções e desejos. A insistência de Gabriel em sua responsabilidade e suas limitações financeiras busca deslegitimar não só a perspectiva de Svetlana sobre a maternidade, mas também sua própria autonomia e o direito de decidir sobre seu corpo e vida.

Assim, ela é colocada em uma posição de desamparo, onde seu desejo e sua vontade são desconsiderados. A submissão feminina está implícita nesse contexto, pois as mulheres, assim como as crianças e os escravos, eram vistas como propriedade e, portanto, estavam sujeitas a esse poder patriarcal. O patriarcado cria uma relação assimétrica onde a vida e a autonomia da mulher estão subordinadas ao desejo e à autoridade do homem, reforçando a opressão e a falta de liberdade das mulheres dentro dessa estrutura social. Segundo Foucault (1999):

Por muito tempo, um dos privilégios característicos do poder soberano fora o direito de vida e morte. Sem dúvida, ele derivava formalmente da velha pátria potestas que concedia ao pai de família romano o direito de 'dispor' da vida de seus filhos e de seus escravos; podia retirar-lhes a vida, já que a tinha dado. O direito de vida e morte, como é formulado nos teóricos clássicos, é uma fórmula bem atenuada desse poder (Foucault, 1999, p. 127)

Embasados nessa concepção, temos a decisão unilateral de Gabriel de assassinato do feto, em que se instala neste, uma lógica doentia e patriarcal, que diz respeito a impossibilidade de existir um lugar fora do que já é socialmente identificado e reconhecido, ou seja, um filho bastardo não poderá existir.

No sonho dessa noite de sono sobressaltado encontrou a solução. Levou

uma semana a pô-la em prática. Pediu a Svetlana que o ajudasse a arrumar as prateleiras de cima da livraria. Subiu ele mesmo, várias vezes a escada. Quando ela subiu, Gabriel, com os braços cheios de livros, teve um aparente desequilíbrio que o fez tombar sobre a escada, fazendo-a cair. Svetlana desabou do último degrau. Partiu o braço esquerdo, incômodo que Gabriel ajudou a resolver com uma solicitude patronal sem mácula, pagando-lhe o tempo de baixa médica que o regime precário do contrato o desobrigava de pagar. E a gravidez desapareceu, o que foi uma sorte para a jovem apaixonada, como a mesma viria a considerar mais tarde (Pedrosa, 2013, p. 152).

É inaceitável e moralmente reprovável a vontade de Gabriel, pois tal ato configura violência e total desconsideração pela vida e dignidade humana. Gabriel age com a discriminação múltipla da figura feminina de Svetlana e comete um dos crimes mais cruéis o assassinato do filho a ser gerado no ventre daquela que não considera digna de um filho seu, pois para Gabriel:

Homens e mulheres devem ter direitos iguais e as crianças um pai, que não é a mesma coisa que uma mãe. Não me peças que te explique mais; em última análise, posso dizer-te que os miúdos seriam trucidados pelos colegas na escola. [...] Não sei como um homem pode viver sem ter orgulho nos filhos, nunca me passaria pela cabeça semear filhos que não conheceria (Pedrosa, 2013, p. 120).

A menção à "trucidação" das crianças pelos colegas sugere uma preocupação com a aceitação social e os papéis de gênero, o que pode implicar que a vulnerabilidade das crianças – e, por extensão, das mães – é resultado das expectativas da sociedade sobre a masculinidade e a feminilidade. A frase ressalta a ideia de que as crianças precisam de um modelo masculino, mas essa necessidade pode ser vista como uma forma de perpetuar a ideia de que os homens são indispensáveis para o desenvolvimento das crianças, ao mesmo tempo em que diminui o valor e a contribuição das mães.

Portanto, Svetlana tem o seu direito à livre escolha, e ao controle sobre o próprio corpo destruído pelo ato patriarcal e opressor de Gabriel, a autora nos faz perceber que mais do que o corpo físico da personagem jovem o que estava em disputa era o controle sobre os comportamentos, desejos e ações da mesma. O que revela também o caráter extremamente violento de Gabriel e amplifica a agressividade e a desumanização de suas condutas.

4.6 Gabriel e a ilusão: a traição masculina como instrumento de submissão feminina no labirinto patriarcal

A traição masculina, em uma sociedade patriarcal, pode ser analisada sob diversas perspectivas que envolvem questões de poder, controle e construções sociais do desejo. Na sociedade patriarcal, a construção do desejo masculino é

muitas vezes ligada à dominação e ao controle. O homem é socializado para ter um papel ativo na busca de prazer sexual, e essa busca é frequentemente legitimada por uma cultura que supervisiona e normatiza comportamentos sexuais. Dessa maneira, a traição masculina não se configura apenas como um ato de infidelidade, mas como uma reprodução das estruturas de poder que definem o que significa ser homem e como o desejo deve ser direcionado.

Com a criação deste elemento imaginário que é "o sexo", o dispositivo de sexualidade suscitou um de seus princípios internos de funcionamento mais essenciais: o desejo do sexo — desejo de tê-lo, de aceder a ele, de descobri-lo, liberá-lo, articulá-lo em discurso, formulá-lo em verdade. Ele constituiu "o sexo" como desejável (Foucault, 1999, p. 145).

Nesse ínterim, ao refletirmos sobre a traição masculina, devemos também considerar a construção social do desejo e as dinâmicas de poder que influenciam nossas percepções sobre o que é aceitável e desejável na sexualidade. O autor nos leva a questionar como as normas sociais e as expectativas de gênero moldam nossos comportamentos e nos impõem maneiras de ser e agir que, muitas vezes, perpetuam ciclos de opressão e controle.

A traição, neste contexto, torna-se uma manifestação tanto da busca individual por satisfação quanto do reforço das estruturas patriarcais que definem a relação entre gêneros, demonstrando a complexidade das interações entre desejo, poder e moral na sociedade contemporânea. Para Foucault (1999):

Não existe uma estratégia única, global, válida para toda a sociedade e uniformemente referente a todas as manifestações do sexo: a ideia, por exemplo, de muitas vezes se haver tentado, por diferentes meios, reduzir todo o sexo à sua função reprodutiva, à sua forma heterossexual e adulta e à sua legitimidade matrimonial não explica, sem a menor dúvida, os múltiplos objetivos visados, os inúmeros meios postos em ação nas políticas sexuais concernentes aos dois sexos, às diferentes idades e às classes sociais (Foucault, 1999, p. 97)

A citação acima afirma que não há uma 'estratégia única' para abordar a sexualidade, isso implica que as distintas manifestações da sexualidade são moldadas por uma confluência de fatores sociais, econômicos e culturais, que variam conforme os contextos. No patriarcado, onde as normas de gênero são rigidamente estabelecidas, a sexualidade feminina frequentemente é subordinada às expectativas e necessidades masculinas. Essa submissão é reforçada através de uma construção social que busca limitar a expressão sexual das mulheres a papéis reprodutivos e heteronormativos.

A ideia de que a sexualidade deve ser reduzida à sua função reprodutiva revela uma tentativa de controlar e regular a vida sexual das mulheres com o intuito de garantir a manutenção da estrutura patriarcal. Nesse sentido, as políticas sexuais

frequentemente deslegitimam e marginalizam outras formas de expressão sexual, além de perpetuar a noção de que a sexualidade feminina deve ser contida, sujeita ao olhar masculino e à aprovação social.

A multiplicidade de manifestações da sexualidade e os 'inúmeros meios postos em ação nas políticas sexuais' indicam que as táticas de controle sobre o corpo e a sexualidade feminina variam amplamente. Essas táticas podem incluir a violência explícita, mas também formas mais sutis de opressão, como a objetificação das mulheres que perpetuam a ideia de que o corpo feminino está disponível para o prazer masculino. Diante disso, Beauvoir (2016a) aborda que:

A ereção é a expressão dessa necessidade; sexo, mãos, boca, o homem volta-se com todo o corpo para a parceira, mas permanece no centro dessa atividade, como em geral o sujeito em face dos objetos que percebe e dos instrumentos que manipula; projeta-se contra o outro sem perder sua autonomia; a carne feminina é para ele uma presa e ele apreende nela as qualidades que sua sensualidade reclama de todo objeto (Beauvoir, 2016a, p. 123-124).

A obra *Dentro de ti ver o mar* expõe as complexidades da masculinidade e a interseção entre violência e submissão feminina através da perspectiva do personagem Gabriel. Ele está preocupado com a sua aparência e com as expectativas sociais que lhe são impostas. A obsessão dele em não ficar gordo reflete não apenas uma questão de vaidade pessoal, mas uma internalização de padrões de masculinidade que privilegiam a magreza e a força física.

Seis comensais adiante, Gabriel olhava para as travessas e ponderava: "Escolho o peixe no forno ou o bife com molho de cogumelos? Apetece-me o bife, mas estou a ficar gordo. E eu não quero ficar gordo. Não posso ficar gordo. Um homem perfeito não é gordo." Olhou com raiva para um colega que passava com uma sopa e uma salada. Comida de mulher. Estranhamente as mulheres agora gostavam daquele tipo de homem, desprovido de ombros, lingrinhas, enguias linfáticas com os olhos pregados no chão (Pedrosa, 2013, p. 23).

A raiva que Gabriel direciona ao colega, que se alimenta de forma que ele considera feminina, denota um machismo arraigado que tende a deslegitimar os atributos frequentemente associados ao feminino. Essa aversão à delicadeza e à vulnerabilidade revela uma insegurança que permeia a identidade masculina, além de indicar a necessidade de reafirmar um papel tradicional que valoriza um corpo forte e uma postura assertiva. Gabriel sente que a conformidade aos padrões de masculinidade é essencial para a sua aceitação social, o que o leva a internalizar a ideia de que não pode ser gordo, pois isso contraria a imagem idealizada do homem perfeito.

Além disso, a sequência em que Gabriel interage com a narradora destaca a crise de identidade que permeia sua vida. O diálogo revela uma luta interna entre se

afirmar e o medo do que essa afirmação pode revelar sobre sua vulnerabilidade. O questionamento sobre a definição do eu, ancorado em superficialidades como nome, estado civil e experiências sexuais, expõe a fragilidade da construção identitária masculina, que muitas vezes se apoia em critérios externos e fugazes. A gagueira de Gabriel e a estridência de sua voz em situações de tensão demonstram a fragilidade dessa autoimagem, que, ao ser colocada em dúvida, desencadeia uma crise existencial.

Dessa forma, o conflito interno de Gabriel pode ser entendido como uma representação das dinâmicas de poder que regem as relações de gênero em um sistema patriarcal, onde a masculinidade é constantemente negociada entre a aceitação social e as vulnerabilidades intrínsecas do ser humano.

[...] — Quem é você? — Se eu disser o meu nome, isso altera alguma coisa? O que é que um nome diz de mim? — É um princípio. — Se eu disser que te chamas Gabriel, que és casado, tens três filhos e uma coleção infindável de amantes, isso define-te? É isso que és? — Com que direito? Quem lhe disse? Gabriel gaguejava e a voz tornava-se estridente, à beira do pânico. — Acalma-te. Sou apenas a tua narradora (Pedrosa, 2013, p. 132).

No patriarcado, a figura masculina é frequentemente associada a certas características como poder, sucesso e, especialmente, a promiscuidade, simbolizada aqui pela "coleção infindável de amantes" de Gabriel. A menção aos seus filhos e ao fato de ser casado sugere uma imagem de estabilidade familiar, que contrasta com suas traições. Isso ressalta a hipocrisia de muitas normas patriarcais, que até valorizam comportamentos masculinos como o adultério, mas ao mesmo tempo exigem de mulheres uma fidelidade inabalável.

[...] o casamento é hoje a sobrevivência de costumes defuntos e a situação da esposa é muito mais ingrata do que outrora, porque ela tem ainda os mesmos deveres, mas não os mesmos direitos; tem as mesmas tarefas sem tirar delas recompensa nem honra. O homem, hoje, casa para ancorar na imanência, mas não para nela se encerrar quer um lar, mas conservando a liberdade de se evadir dele; fixa-se, mas o mais das vezes continua vagabundo no fundo do coração; não despreza a felicidade, mas não faz dela um fim em si; a repetição aborrece-o; procura a novidade, o risco, resistências que lhe caiba vencer (Beauvoir, 2016a, p. 234).

Há várias razões pelas quais os homens podem trair em uma sociedade patriarcal. Algumas dessas razões incluem a busca de poder e dominação, o desejo de satisfazer seus desejos sexuais e a sensação de estar acima de qualquer punição ou consequência por suas ações. Tal ocorrência torna-se evidente na obra *Dentro de ti ver o mar*, no trecho, Pedrosa (2013, p. 103): “E gosta de atrair as mulheres, em bando. Cansa-se de cada uma delas, depois. A ideia de escolher aterroriza-o; quando um rosto, uma voz, uma presença ousam tornar-se dominantes,

ele abate-os”.

Simone de Beauvoir (2016b, p. 12-13) ratifica que, a mulher, o inessencial, o Outro, determina-se e se diferencia em relação ao homem, o sujeito, o absoluto, que historicamente manteve as mulheres em estado de dependência e subordinação.

Gostava sinceramente das mulheres. Pareciam-lhe em geral mais interessantes do que os homens. Tinham melhor conversa. Eram mais corajosas. Mas, na relação individual, acabavam sempre por se tornar demasiado exigentes. Reclamavam atenção permanente. Invejava a facilidade com que se desdobravam e desmultiplicavam. Admirava-as e detestava-as por isso. A ele, tudo lhe parecia difícil. Por isso se concentrava tanto em si mesmo (Pedrosa, 2013, p. 23-24).

A construção histórica e filosófica das concepções de feminilidade e sexualidade na tradição ocidental. Desde a Antiguidade claudicante das ideias aristotélicas até as teorias psicanalíticas de Sigmund Freud, a mulher é frequentemente definida em relação ao homem, seja como uma versão menos desenvolvida do mesmo ou como sendo marcada por uma ausência - a falta do falo. Ainda nesse contexto, para Perrot (2007):

De Aristóteles a Freud, o sexo feminino é visto como uma carência, um defeito, uma fraqueza da natureza. Para Aristóteles, a mulher é um homem mal-acabado, um ser incompleto, uma forma mal cozida. Freud faz da inveja do pênis o núcleo obsedante da sexualidade feminina (Perrot, 2007, p. 63).

Aristóteles, em sua obra, sugere uma hierarquia onde a masculinidade é apresentada como o padrão e a feminilidade como uma forma defeituosa dela. A caracterização da mulher como um "homem mal-acabado" revela uma mentalidade que perpetua a desvalorização do feminino, considerando-o um estado inferior e incompleto. Essa perspectiva reflete não apenas uma visão biológica, mas uma visão cultural que tem profundas implicações nas relações de poder e no espaço que a mulher ocupa na sociedade.

Por outro lado, Freud introduz uma nova dimensão ao discutir a sexualidade feminina a partir da ideologia da inveja do pênis, o que, de certa forma, também perpetua a ideia de que a sexualidade da mulher é moldada pela ausência de algo que o homem possui. Essa abordagem não apenas patologiza as experiências femininas, mas também reduz a sexualidade da mulher a uma resposta à falta, retirando-lhe a complexidade e a riqueza que a subjetividade feminina pode engendrar.

Estas visões históricas não são meramente teóricas, elas se desdobram em práticas sociais e culturais que perpetuam desigualdades de gênero, preconceitos e estereótipos. O papel de dominador de Gabriel vai ao encontro de mulheres que foram doutrinadas para a vida doméstica, para serem esposas e para servirem ao

marido depois de casadas, por meio desta certeza, este logo cometera várias traições, pois fora da vida conjugal encontrara vários meios de satisfazer seu ego e seus desejos carnavais em um contexto de volubilidade e descartabilidade.

Gabriel praticamente não mentia, esse era um dos seus maiores encantos. Conquistava as mulheres com a verdade escancarada, que era esta: a sua família estava e estaria sempre acima de tudo. Se as mulheres liam esta afirmação como um desafio, o problema era delas: ele agarrava-se à ideia de que fora sincero. Seduzir uma mulher era criar uma atmosfera de segredo. Torná-la dependente do seu charme através de um sistema rigoroso de presentes e castigos (Pedrosa, 2013, p. 26-27).

A virilidade e masculinidade, características muito valorizadas na sociedade patriarcal, são consideradas requisitos para o homem ser reconhecido como homem. A manipulação exercida por Gabriel o descreve, a violência da submissão imposta as diferentes personagens femininas desta obra de forma impactante e cruel. A autora busca problematizar a naturalização do fenômeno em nossa sociedade, por meio do uso de uma polifonia de vozes que se alternam e trazem para o romance perspectivas diversas.

Falava pouco de si mesmo. Sabia ouvir como se escutasse, enquanto pensava no próximo gesto de sedução. Podia dizer: — querida, minha querida. Quando elas queriam definir a relação — um hábito, de resto, muito pouco sensual, como se apressava a recordar-lhes — falava de amizade, ternura e desejo (Pedrosa, 2013, p. 27).

Segundo Bourdieu (2007, p. 30): “[...] os rapazes tendem a ‘compartimentar’ a sexualidade, concebida como um ato agressivo, e sobretudo físico, de conquista orientada para a penetração e o orgasmo”. Isso ressalta uma concepção da sexualidade masculina que se estrutura sob o prisma da agressão e dominação. Essa perspectiva sugere que muitos homens, ao longo de um contexto patriarcal, tendem a ver o sexo como um ato de conquista, onde a performance sexual está ligada ao desempenho físico e à obtenção de prazer individual, frequentemente à custa do desejo e da subjetividade da parceira.

Gabriel foi dar uma volta pela praia com a jornalista confortavelmente carente que definia como “cãozinho abandonado”, e acabou por levá-la para a cama. Sexo maquinal, o mais compensador dos exercícios narcísicos. O cãozinho abandonado satisfazia-se com pouco. Violento, ele? Não, sentia-se compassivo enquanto abraçava aquela mulher com a ternura que dispensaria a um animal sem dono (Pedrosa, 2013, p. 27-28).

Por consequência, ao descrever a relação entre Gabriel e a jornalista confortavelmente carente. A forma como Gabriel se comporta ao lidar com ela revela o caráter disfuncional e desumanizado da dinâmica sexual que ele estabelece. Ele a vê como um ‘cãozinho abandonado’, o que já implica uma noção de posse e

condescendência. A maneira que ele se refere a ela denota um desprezo pelo seu ser, tratando-a não como um igual, mas como um objeto a ser possuído e que, por sua fragilidade, merece uma abordagem passiva e protetora.

O sexo é, então, retratado como uma atividade mecânica e egocêntrica para Gabriel, que se entrega a um exercício narcísico – um prazer que não considera a sexualidade da mulher, mas apenas reafirma seu próprio valor. A caracterização do "cãozinho abandonado" ilustra o papel da mulher dentro deste contexto: submissão à condição que define sua existência como dependente do olhar masculino. A ternura que ele sente por ela é distorcida, pois se assemelha mais a um sentimento de superioridade do que de realmente enxergar a complexidade e a autonomia da parceira.

Não era apenas por gostar de se definir como um homem de princípios, solidário com a emancipação das mulheres, que Gabriel nunca consideraria ir às putas. Sofria de uns laivos de hipocondria que o impediam de sequer considerar meter-se, mesmo que bem protegido, dentro de uma vagina que não sabia por onde andara. Além disso, o sexo pago parecia humilhante: mais do que orgasmos, o que ele procurava era o prazer de sentir a rendição autêntica de uma mulher aos seus atributos (Pedrosa, 2013, p. 58).

Gabriel, ao se definir como um homem de princípios, revela um desejo de se alinhar com ideais de solidariedade em relação à emancipação feminina, mas suas atitudes refletem uma hipocrisia inerente a essa postura. A sua repulsa ao sexo pago, que ele considera humilhante, evidencia uma valorização da rendição autêntica da mulher, sugerindo que, para ele, o prazer sexual é intrinsecamente ligado à submissão feminina.

Assim sendo, sua busca por um tipo específico de prazer, que requer a entrega da mulher, reforça a ideia de que a relação sexual, em um arranjo patriarcal, está muitas vezes marcada por uma dinâmica de poder e dominação, mesmo quando envolvida em discursos de emancipação. Gabriel deseja um reconhecimento da sua masculinidade que é validada pela submissão feminina, tornando palpável a contradição entre sua autoimagem como progressista e suas expectativas em relação às mulheres.

Sob o entendimento do patriarcado os aspectos masculino e feminino são dicotômicos, o que resulta em relações assimétricas para com as mulheres. Dentre estes aspectos dicotômicos se destaca: a rigidez do homem em suas atitudes e tomadas de decisões, enquanto a mulher é conhecida como mais sensível e submissa.

Outra característica importante do patriarcado diz respeito a razão que prevalece no homem enquanto na mulher o que a domina é a emoção. Neste contexto, verifica-se que Gabriel usa a manipulação e carência afetiva das mulheres

como instrumento de dominação.

A competição com as mulheres não podia vencer-se a golpes de espada, em confrontos diretos; era um trabalho de paciência, como um bordado sem princípio nem fim no qual eles se tornaram rapidamente exímios. Queriam dominar o mundo, mas permaneciam afeiçoadas aos códigos da força masculina, precisavam dos seus elogios para se sentirem vivas, o que as mantinha sob o domínio deles (Pedrosa, 2013, p. 60).

Para Grossi (2004, p. 6) “uma das principais definições da masculinidade na cultura ocidental para o gênero é que o masculino é ativo. Ser ativo, no senso comum a respeito de gênero, significa ser ativo sexualmente, o que para muitos significa penetrar o corpo da/o outra/o”. O trecho abaixo ilustra a ideia de que a masculinidade, conforme discutido por Grossi, é frequentemente associada à atividade sexual e à dominação. Gabriel, como homem, exerce uma posição de poder tanto sobre Rosa quanto sobre Penélope, reforçando o estereótipo do homem ativo e conquistador.

Gabriel também era pai. Parecia que toda a gente tinha um pai, — Estás a tomar a pílula? Nunca se esquecia da pergunta, ou não fosse Gabriel um pai consciencioso. Não lhe ocorria sequer que Rosa pudesse mentir, o que a comovia e a impedia de mentir. E se engravidasse e o obrigasse a reconhecer o filho? Mas Rosa nunca seria capaz de ter um filho que o pai rejeitasse, disso Gabriel estava certo. A moral sobrepôr-se-lhe-ia sempre a todos os ímpetos de paixão. Enervava-o que ela não compreendesse que fazer amor sem proteção era a maior prova de confiança e de afeto que poderia dar (Pedrosa, 2013, p. 96).

A visão tradicional abordada por Grossi (2004) da masculinidade é um espelho da estrutura patriarcal que ainda prevalece, onde o homem é visto como o agente, enquanto a mulher ocupa a posição de objeto ou submissão. No contexto do relacionamento de Gabriel com Penélope, sua esposa, e Rosa, sua amante, podemos observar como essa dinâmica patriarcal se exerce. Gabriel se apresenta como um homem ativo e responsável, evidenciado pelo seu papel como pai e pela preocupação com o uso da pílula. No entanto, sua visão é distorcida pelo viés da masculinidade hegemônica, que o impede de perceber o sofrimento e as limitações que impõe a Rosa.

Em seu olhar, a mulher deve ser confiante, submissa às suas intenções e, portanto, incapaz de agir egoisticamente como mentir sobre sua necessidade de proteção. Isso revela não apenas sua incompreensão acerca da autonomia feminina, mas também reflete a pressão social que as mulheres enfrentam para manter a moralidade, mesmo em situações em que sua própria vontade está comprometida.

Rosa, por outro lado, apesar de ser apresentada como submissa às regras estabelecidas por Gabriel, carrega em sua condição uma crítica ao patriarcado. A insegurança em relação a uma possível gravidez e o temor do abandono refletem o

impacto que o patriarcado exerce sobre as mulheres, exigindo delas uma lealdade que muitas vezes não é correspondida. A frase de que "nunca seria capaz de ter um filho que o pai rejeitasse" culmina em um paradoxo doloroso, onde o desejo de Rosa de conectar-se com Gabriel esbarra na necessidade de manter um ideal que a submete.

Pelo olhar de Princesa Lina, Gabriel é também descrito como esse homem manipulador, esta incontrollabilidade da sexualidade do personagem legitima variadas manifestações de violência contra as figuras femininas da obra.

Vejo os e-mails torrenciais que a apaixonada do meu apaixonado lhe escreve noite adentro, vejo como ele se masturba depois de os ler, os olhos postos nos meus olhos que o fitam de todos os ângulos da sala. Depois fá-la esperar, deita-lhe no dia seguinte a esmola de um par de linhas, migalhas de palavras com que a mantém presa e à míngua, na esperança de um banquete que nunca virá. Diz-lhe que tem a obsessão infantil da felicidade. Diz-lhe, para a humilhar. Vai seduzindo outras, envia-lhes canções, faz-lhes festas no pescoço para as deixar arrepiadas. Procura torná-las todas iguais. Precisa de mim para se sentir um homem de bem, capaz de sentimentos duradouros, leal. Para ter a ilusão de que, se eu fosse viva, tudo seria diferente (Pedrosa, 2013, p. 130).

A necessidade de busca constante por satisfação egocêntrica e sexual não mais alcançada na relação primária vinha por meios das traições e de masturbação. A irritação de Gabriel com a "arrogância de Rosa" e sua "incapacidade de se submeter ao quase" revela uma luta de poder implícita, onde a possessividade em relação à figura feminina é uma faceta da insegurança masculina. A relação de controle que ele anseia é um eco do que intuía como um papel tradicional nas relações amorosas. Essa dinâmica não só evidencia tensões de gênero, mas também reflete uma profunda insatisfação nas suas relações pessoais, que se manifestam em um desejo de controle que é, ao mesmo tempo, uma expressão de vulnerabilidade. Esse fato fica evidente no trecho abaixo:

Gabriel sentava-se ao computador, punha os auscultadores, desapertava as calças e entrava no Youtube onde Rosa cantava para ele todas as madrugadas. Continuava a ter orgasmos com ela, sem o incômodo da culpa nem qualquer agitação na sua vida familiar. Não era o mesmo que tê-la nos braços —mas quase. E Gabriel habituara-se a gostar da serenidade do quase. Irritava-o a arrogância de Rosa, a sua incapacidade de se submeter ao quase. E a impossibilidade de a controlar, por muito que ela declarasse pertencer-lhe (Pedrosa, 2013, p. 79-80).

A obra retrata uma realidade complexa e multifacetada sobre a busca por satisfação de Gabriel, revelando a dicotomia entre o desejo e a autossuficiência, entre a intimidade e a alienação, que caracteriza muitas das relações contemporâneas. Este olhar crítico nos convida a refletir sobre a violência que ocorre de forma simbólica, durante praticamente toda a narrativa, revelando-se de

forma subjetiva apenas em alguns momentos da obra, seja na situação vivenciada por Penélope com os cacos de vidro na cozinha, seja no assassinato do filho ainda no ventre de Stevlonova ou ainda nos castigos de desprezo dados a Rosa quando esta não se comportava.

Sentia-se uma mulher do século XIX, a enlouquecer num hospício. Sentia-se abusada. Portara-se mal e ele pusera-a de castigo, até que aprendesse a ser uma senhora e o recebesse quando e como ele quisesse. Dezenove dias de pausa — dezenove dias em que Gabriel se apagava voluntariamente do computador, do telefone, da vida (Pedrosa, 2013, p. 137).

Os episódios descritos, servem como metafóricos para a desumanização e a dor que Gabriel impõe às mulheres ao seu redor. Tais ações não apenas evidenciam uma violência física e psicológica, mas também reforçam um padrão de comportamento que busca submeter e silenciar as protagonistas femininas. O uso de cacos de vidro, por exemplo, pode ser interpretado como uma representação da fragilidade da vida e da saúde mental de Penélope, além de simbolizar a ameaça constante que a figura masculina exerce sobre as mulheres.

O castigo imposto a Rosa, em que Gabriel a exclui de sua vida por dezenove dias, exemplifica um controle emocional extremo que reforça a ideia de que ele se coloca em uma posição de superioridade. O discurso usado por Gabriel, ao exigir que Rosa aprenda a 'ser uma senhora', revela uma visão arcaica e opressiva sobre o papel das mulheres, perpetuando estereótipos que as reduzem a meras submissas aos desejos masculinos. Portanto, o comportamento de Gabriel se revela um retrato da violência de gênero que, embora sutil em alguns momentos, é devastadora em suas consequências.

4.7 Refletindo sobre a liberdade de escolha feminina na mensagem do Alcorão

Discorrendo sobre os aspectos da submissão em tantas vertentes, percebe-se que este assunto é relevante na obra *Dentro de ti ver o mar*, podendo conceber a discussão retratando o lado da submissão religiosa e de crenças islâmicas, sendo fato a tornar-se na condição de obediência e subordinação, visto que, é uma imposição doutrinária.

A liberdade de escolha feminina é um tema de extrema relevância e atualidade, muito se discute sobre os direitos das mulheres e o papel que desempenham na sociedade, e a mensagem do Alcorão, livro sagrado do Islã, tem sido frequentemente debatida nesse contexto. Refletir sobre a liberdade de escolha feminina na mensagem do Alcorão é, portanto, necessário para compreender a posição das mulheres dentro dessa religião.

Por conseguinte, adicionado à temática principal, se vincula a subjugação

exigida pela comunidade de modo geral, para a mulher, independente da faixa etária e classe social, a mulher sempre será coagida a cumprir determinados padrões de vida, a qual se vivencia rotineiramente e todos os âmbitos, de tal forma, a dominação é um reflexo de todo um fundamento construído no transcorrer dos tempos.

No decurso da humanidade e nas mais diversas culturas, as mulheres, desde pequenas, são educadas para responderem às necessidades dos homens e não às suas próprias. Na obra *Farimah*, mulher iraniana conhecedora do alcorão, entretanto não muçulmana, enfrenta grandes desafios fora e dentro do contexto oriental:

— Vamos, não tenha medo. Não era o medo que atrasava o passo de Farimah; ainda não se habituara a acotovelar e ultrapassar os homens. Durante toda a vida fora ensinada a andar devagar e muito atrás deles. Disse: — Há muitos homens. Corrigiu: — Muita gente, quero dizer. Luísa sorriu, disse que os homens não lhe fariam mal. Farimah explicou que não tinha aprendido a caminhar naturalmente ao lado deles. [...] Farimah sabia que parecia *silly*. Vivera e estudara em Londres sem deixar de morar no Irã, à sombra dos preceitos islâmicos impostos pelo pai (Pedrosa, 2013, p. 30).

O profundo dilema De Farimah, é um reflexo da complexidade da identidade feminina em contextos culturais opressivos. O trecho apresentado ilustra de maneira elucidativa as barreiras sociais e psicológicas que a personagem, enfrenta ao tentar se afirmar em um espaço predominantemente masculino.

O uso da expressão "acotovelar e ultrapassar os homens" simboliza a luta pela afirmação no espaço público e a dificuldade de transitar por ele de maneira natural, o que se intensifica pela educação que recebeu, que a ensinou a se posicionar atrás dos homens. Essa dinâmica ressalta a internalização de normas de gênero que limitam a autonomia das mulheres, enfatizando a necessidade de desconstruir tais preceitos para que possam se mover livremente em suas comunidades.

A conversa entre Farimah e Luísa, onde a primeira expressa sua hesitação em relação à presença masculina ao seu redor, revela uma maneira sutil de explorar a insegurança que muitas mulheres sentem em sistemas patriarcais. A interculturalidade também é um ponto importante, evidenciado pela experiência da protagonista em Londres, que, embora tenha ampliado seus horizontes, não a poupou da opressão que sente em seu país natal, reforçando a ideia de que a luta pela igualdade de gênero transcende fronteiras geográficas e culturais.

Assim, a narrativa apresentada não apenas pinta um retrato da vivência individual de Farimah, mas também se torna uma metáfora do caminho que muitas mulheres devem trilhar para afirmar sua identidade e autonomia em face das normas sociais. Diante disso, Beauvoir (2016a) expõe que:

Suas ligações com o lar paterno são muita mais estreitas do que as do rapaz. Arrancar-se da família, é uma desmama definitiva: é então que ela conhece toda a angústia do abandono e a vertigem da liberdade. A ruptura é, segundo os casos, mais ou menos dolorosa; se já rompeu os laços que a ligavam ao pai, aos irmãos e às irmãs, e principalmente à mãe, deixa-os sem drama; se dominada ainda por eles, pode praticamente continuar sob a proteção deles (Beauvoir, 2016a, p. 236).

Nessa obra, Inês Pedrosa dá voz não só à mulher iraniana, mas às de várias nações em que o patriarcado desconsidera a mulher, colocando-a em uma posição sem pertencimento e autonomia. Segundo Maomé no Livro Alcorão surata 4, versículo 33:

Os homens têm autoridade sobre as mulheres pelo que Deus os fez superiores a elas e por que gastam de suas posses para sustentá-las. As boas esposas são obedientes guardam sua virtude na ausência de seu marido conforme Deus estabeleceu. Aqueças de quem temeis a rebelião, exortai-as, bani-as de vossa cama e batei nelas. Se vos obedecerem, não mais as molesteis (Maomé, 2017, p. 83-84).

Farimah amou um homem casado no Irã que nunca teria tido a coragem de fugir com ela e fugiu de um casamento indesejado e fora do Irã, sentia que a tratavam como um troféu, um símbolo de vida inteligente em países dominados pelo fundamentalismo islâmico.

A Farimah, que é muçulmana, pode explicar-te que nada no Corão apela ao massacre, essa é uma interpretação específica... — Não, não posso explicar, não sou muçulmana. Não tenho religião. — Apesar de tudo, leste o Corão. — Li, mas não me interessa. Esse assunto não me interessa. Então olhavam-na como se fosse estúpida, e Farimah experimentava uma rajada de alegria: a estupidez, como a decepção, precisava de individualização, ao contrário do heroísmo. Era muito agradável desiludir aqueles seres bondosos, sempre certos e eivados de princípios salvadores. [...] — Luísa, desculpe, o Alex é uma simpatia, mas sinto-me uma boneca pedagógica ao lado dele e dos amigos (Pedrosa, 2013, p. 67).

A condição de dependência e subalternidade a que está prisioneira grande parte das mulheres muçulmanas, mostra fundamentalmente a supremacia de um entendimento e um sistema patriarcal que utiliza sua interpretação dos livros sagrados e da religião para lidimar as conjunturas de dominação, violência e exclusão em relação às mulheres.

Muitas vezes as mulheres são comparadas como se fossem responsáveis pelo pecado de Eva e Adão, conforme os versículos de Gênesis. Sendo assim a concepção judaico-cristã sobre a mulher na atualidade, se reforça nas crenças do pecado de Eva e na sua descendência feminina (Gêneses 3; 1-24).

No transcorrer da leitura do livro, compreendemos que a cultura da religião empreende uma enorme influência na formação social do indivíduo, determinando

normas, condutas e comportamentos, isto fica evidente no capítulo V, no qual apenas na entrada do avião Farimah retira o véu (*hijab*) da cabeça:

A mão de Farimah estava gelada e Luísa sentiu vontade de abraçar aquele corpo franzino. Fez-lhe uma festa no cabelo, a jovem reagiu quase com susto. Luísa pensou que aquele cabelo não devia ser acariciado há muitos anos, se é que alguma vez o fora. Só à entrada no avião Farimah retirara o véu da cabeça, sacudindo a cabeleira farta (Pedrosa, 2013, p. 29).

Por consequência, o gesto de Luísa ao acariciar o cabelo da jovem sugere uma tentativa de oferecer conforto e proximidade, mas a reação de susto de Farimah indica que ela não está acostumada a receber tal ato de afeto e liberdade de expressão corporal. Este aspecto ressalta a ideia de que muitos indivíduos em contextos patriarcais, particularmente mulheres, parecem alienados de experiências de carinho e intimidade, muitas vezes resultado da internalização das normas sociais que ditam o comportamento esperado e a submissão.

Como também, a retirada do véu por Farimah ao entrar no avião simboliza um ato de libertação de um símbolo de opressão. O véu, em diversas tradições, pode ser interpretado como uma representação da modéstia esperada das mulheres, enquanto o cabelo exposto representa uma forma de reivindicar a individualidade e a autonomia. Todavia, o ato de sacudir a cabeleira farta, após um longo período sem se expor, implica também uma luta interna – a liberdade vem acompanhada do medo e da insegurança, e muitos podem sentir-se expostos a um novo mundo. De acordo, Maomé no Livro Alcorão surata 33, versículo 58:

Ó Profeta! Dize a tuas mulheres e tuas filhas e às mulheres dos crentes que apertem seus véus em volta delas: é mais provável que sejam assim reconhecidas, evitando ser molestadas. Deus é perdoador e misericordioso (Maomé, 2017, p. 332).

Tradicionalmente ao longo da história da humanidade as mulheres padecem com a origem de uma imagem desdenhada e desigual em relação ao homem, que usufrui dos benefícios da sociedade patriarcal, fundamentados em uma ideia de pertencimento da mulher e às antigas diretrizes de que a ela cabe o cuidado do marido e do lar. Apesar da fuga de Farimah da capital do Irã, onde lá uma das poucas liberdades que possuía era a de compartilhar o ânimo dos sonhos, junto a irmã mais nova, sentia falta da segurança do pai apesar deste ser muito devoto as condutas religiosas.

Sentia, no entanto, saudades do pai. Tinha consciência de que homem nenhum poderia voltar a olhar para ela com aquele amor brilhante, desprovido de tempo, atos ou maldade. Fizesse o que fizesse, ele gostava dela acima de tudo no mundo. Daria a vida por ela, mesmo contra os preceitos da sua religião (Pedrosa, 2013, p. 41).

Por consequência, a autora também nos mostra o carinho e reconhecimento afetuosos que Farimah nutre por seu progenitor, em contraste este orgulho paternal da filha é contraditório no islamismo.

Farimah recordava-se inúmeras vezes daquela frase do pai: — Tenho muito orgulho em ti, minha filha. Pronunciara-a apenas uma vez, quando ela terminara o curso com distinção. Orgulho não era uma palavra que, segundo as regras do Islão paterno, se pudesse aplicar às mulheres. O pai tinha orgulho nela, contra o seu próprio Deus. Na cidade livre onde agora morava, ninguém se orgulhava dela. Ninguém a pouparia aos trabalhos duros e aos infernos burocráticos; ninguém a acompanharia, sem que ela o pedisse, ao médico e às repartições públicas. Sentia-se sufocada com a insistência do pai em acompanhá-la a toda a parte, sem pensar que um dia recordaria com ternura essa insistência. Não gostava de pedir. Não gostava de receber ordens. Mas agora sentia falta daquela frase recorrente do pai: — Deixa, que eu trato (Pedrosa, 2013, p. 42).

O fator que afligia Farimah era a submissão imposta pela religião e um casamento arranjado, ou seja, a sua liberdade e autonomia estava cerceada. Haja vista, que a questão de simetria entre os sexos e as regras norteadoras no domínio familiar, impuseram uma perda de identidade sobre a noção de igualdade nos textos sacros do Islã.

Fugira de um casamento indesejado e aterrara num país novo já casada com um desconhecido — um homem doce, amável, que não esperava nada dela, nem quisera saber quem ela era para a aceitar. Em Teerão as noivas também eram invisíveis até se materializarem em carne e sangue na noite de núpcias. Alex nunca a desejaria. — Só te quero dar a liberdade (Pedrosa, 2013, p. 43).

Indubitavelmente, no contexto das sociedades patriarcais, as mulheres são frequentemente tratadas como artefatos, ou seja, objetos cuja valorização e finalidade estão atreladas à figura masculina, seja esta a do cônjuge ou da família. Esse cenário é amplamente sustentado por instituições sociais que operam de forma interconectada, onde a religião emerge como uma das ferramentas mais eficazes para a manutenção da desigualdade. De acordo com El Saadawi em seu livro *A face oculta de Eva: as mulheres do mundo árabe* (2002):

A religião é, particularmente, uma arma constantemente usada pelas sociedades tradicionalistas para refrear, ou até extinguir os esforços dos pesquisadores. Tenho notado com absoluta clareza que a religião, atualmente, é frequentemente usada como instrumento nas mãos dos poderes político-econômicos, é uma instituição utilizada por aqueles que dominam, para aquietar os que são dominados. Ela serve, dessa forma, aos mesmos propósitos que os sistemas jurídicos, educacionais, políticos, e até mesmo psiquiátricos, usados para perpetuar a família patriarcal, a qual, por intermédio da opressão exercida sobre mulheres, crianças e escravos, originou-se historicamente, obteve reforço e se mantém. Assim, em qualquer sociedade, torna-se impossível separar a religião do sistema

político-social, ou manter o sexo isolado da política. A trilogia composta pela política, religião e sexo é a mais sensível de todas as áreas de qualquer sociedade. Esta sensibilidade torna-se particularmente mais intensa nos países em desenvolvimento com um background rural, onde os relacionamentos caracteristicamente feudais predominam (El Saadawi, 2002, p. 19).

A obra *Dentro de ti ver o mar* (2013) explana de maneira incisiva os enredamentos das questões identitárias e sociais enfrentadas por Farimah, uma mulher muçulmana que, ao aceitar um casamento sem laços afetivos ou físicos, busca obter um visto de permanência em um país estrangeiro. Este arranjo matrimonial, que é frequentemente visto como uma solução pragmática em contextos de imigração, revela-se, porém, envolto em tensões emocionais e culturais. Ele parece tratar sua situação com leveza, desconsiderando sua vulnerabilidade e a complexidade de sua identidade multicultural.

A reação dela, que oscila entre a vergonha e a gratidão, enfatiza um dos aspectos mais preocupantes da experiência de imigrantes: a percepção de ser vista através de estereótipos que reduzem a individualidade a uma narrativa simplificada — neste caso, a de uma mulher muçulmana salva por um homem ocidental.

Nos primeiros meses na casa do marido, Farimah não conseguiu dormir. Porque sofria de ansiedade se aquele casamento era apenas uma formalidade burocrática? Morava dentro de metade da casa que pertencia àquele que oficialmente se tornara seu marido. O seu nome, a sua intimidade, permaneciam intocáveis. Alex repetia-lhe, brincando: — Vais ver. Em pouco tempo ficarás uma alegre viúva. Farimah respondia: — Que tontice, na verdade encabulada com a situação, a gratidão implícita a desfigurar a graça. Sentia que Alex a olhava como um estereótipo: a mulher muçulmana que ele salvara. Sentia esse mesmo olhar bondoso, carregado de paternalismo, na seguradora, nas repartições públicas, em qualquer convívio social (Pedrosa, 2013, p. 67).

O olhar paternalista que a personagem percebe na seguradora, nas repartições públicas e em seus círculos sociais evidencia uma educação construída em estereótipos e preconceitos que deslegitimam sua história pessoal e sua autonomia. A reificação da identidade muçulmana de Farimah através desse olhar exterior não apenas a marginaliza, mas também gera uma profunda crise de identidade. Assim, a condição de Farimah exemplifica a intersecção entre imigração, gênero e preconceito cultural, mostrando como as limitações impostas por essas forças sociais podem afetar a vida de uma mulher em busca de pertencimento em um novo contexto.

O discurso religioso pode ser utilizado como instrumento de culpa sobre a mulher, ratificando a subjugação em relação ao homem, impondo que sejam moderadas, puras sexualmente, ótimas mães, boas donas de casa, e submissas ao marido. Contudo, é preciso reconhecer que ao longo dos séculos, algumas

interpretações e práticas culturais distorceram a mensagem do Alcorão e limitaram a liberdade de escolha feminina. Algumas normas e costumes estabelecidos em certos contextos sociais têm restringido a liberdade das mulheres, oprimindo-as e negando-lhes a possibilidade de exercer seus direitos plenamente. Simone de Beauvoir (2016b) em seu livro *O segundo sexo: fatos e mitos*, apresenta que:

Legisladores, sacerdotes, filósofos, escritores e sábios empenharam-se em demonstrar que a condição subordinada da mulher era desejada no céu e proveitosa à terra. As religiões forjadas pelos homens refletem essa vontade de domínio: buscaram argumentos nas lendas de Eva, de Pandora, puseram a filosofia e a teologia a serviço de seus desígnios (Beauvoir, 2016b, p. 19).

Nesse contexto, o trágico caso de Mahsa Amini, demonstra de maneira contundente os efeitos mortais que a imposição de normas patriarcais pode ter sobre as vidas das mulheres. Narain, Vrinda; Sadeghi, Fatemeh, por meio da Revista Galileu (2022) noticiou, o que aconteceu em 16 de setembro de 2022:

Mahsa Amini, uma iraniana de 22 anos, morreu em Teerã, no Irã, enquanto estava sob custódia policial. Amini foi presa pela Patrulha de Orientação, uma polícia da moralidade, por não usar um *hijab* corretamente. Esse esquadrão, do Comando de Aplicação da Lei da República Islâmica do Irã, supervisiona a implementação pública dos regulamentos do *hijab* (Narain, Vrinda; Sadeghi, Fatemeh, 2022)

A correlação entre as ideias de Beauvoir e o caso de Mahsa Amini é clara: ambos revelam como a opressão feminina é legitimada por um arcabouço ideológico que, historicamente, é reforçado por instituições patriarcais. Enquanto Beauvoir analisa as raízes filosóficas e mitológicas dessa opressão, Amini simboliza as consequências trágicas e contemporâneas de uma estrutura social que ainda se sustenta em preceitos que desumanizam e subordinam as mulheres. Assim, a luta contra essa subordinação histórica e atual é uma necessidade urgente para se alcançar a equidade de gênero e a emancipação das mulheres no mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou evidenciar como as dinâmicas de opressão e controle se manifestam na vida cotidiana das personagens femininas na obra *Dentro de ti ver o mar*, vítimas da perpetuação da desigualdade e violência. A análise da violência de gênero e da submissão feminina pautou-se nos pensamentos de Simone de Beauvoir, Michel Foucault, Pierre Bourdieu e Heleieth Saffioti, os quais revelam as complexas interações entre estrutura social, poder e relações de gênero que moldam as experiências das mulheres na sociedade contemporânea.

A produção literária de Inês Pedrosa, ao abordar as intrincadas dinâmicas das relações inter-humanas e as opressões de gênero, manifesta uma inquietação em relação a temas que estão profundamente enraizados na sociedade atual. Por meio de suas personagens, a autora investiga a sensação de incompletude que muitos indivíduos experienciam em razão das normas restritivas impostas por uma sociedade patriarcal, evidenciando de que forma tais imposições influenciam suas vidas e suas experiências emocionais.

Ao analisarmos a obra *Dentro de ti ver o mar*, de Inês Pedrosa, deparamo-nos, de imediato, com a temática do amor clandestino, carnal e submisso. A submissão feminina se revela como um elemento central que permeia as principais personagens do romance, que se apresentam como figuras incompletas e despedaçadas, em uma busca incessante por identidade e liberdade em um mundo globalizado. São figuras que sofrem com a angústia e a dor da experiência da desilusão, desamparo ou abandono ao longo das suas trajetórias de vida.

As tensões entre os gêneros se manifestam de maneira vívida nas narrativas, revelando as lutas internas das personagens, que buscam afirmar suas identidades em um mundo que frequentemente as marginaliza. A dor do amor, em seus múltiplos aspectos, aparece como um tema central, camuflando-se sob as diversas camadas da experiência humana – desde a paixão até a desilusão. Essas nuances são exploradas por Pedrosa de forma a destacar a universalidade e a atemporalidade das emoções, que, apesar de enraizadas em contextos específicos, ressoam com a experiência de muitos.

A obra proporciona ao leitor uma profunda sensibilidade em relação à angústia e à resiliência das figuras femininas, que se veem permeadas pela solidão e abandonadas por seus progenitores e companheiros. No entanto, essas personagens manifestam uma extraordinária capacidade de superação e transformação, empenhando-se na realização de seus sonhos, desejos e na busca pela liberdade.

Assim, a obra se torna um espaço de reflexão sobre as limitações impostas pelo gênero, a busca por liberdade e o desejo de uma compreensão mais profunda

do amor e das relações interpessoais. A escrita de Inês Pedrosa não apenas denuncia as opressões presentes, mas também convida o leitor a uma busca constante por respostas, um mergulho nas complexidades da condição humana e nas suas intersecções com as questões sociais contemporâneas.

Simone de Beauvoir (2016b) propõe que a condição feminina é uma construção histórica e social, não um dado biológico. Essa perspectiva nos permite compreender que a submissão feminina não é uma característica inerente à mulher, mas uma consequência de um sistema patriarcal que a subordina. Beauvoir ressalta a importância da autonomia e da liberdade como direitos fundamentais para que as mulheres possam se libertar das amarras da submissão, um princípio que ressoa com as exigências contemporâneas por igualdade de gênero.

Michel Foucault (1999), ao explorar as relações de poder, nos ajuda a entender como as normas sociais e as práticas disciplinares contribuem para a manutenção da violência de gênero. O olhar foucaultiano destaca que a opressão não apenas se impõe através da força, mas também por meio de um conjunto de relações sociais e institucionais que moldam comportamentos e expectativas. A produção de saberes sobre gênero é uma forma de controle que perpetua estigmas e discriminações, reafirmando a posição subordinada das mulheres.

Pierre Bourdieu (2012), com sua noção de *habitus* e campos sociais, ilustra como os mecanismos de dominação se inserem nas práticas e na vida cotidiana, perpetuando a desigualdade. A violência de gênero, sob sua perspectiva, é uma manifestação da luta de classes onde as mulheres frequentemente se encontram em posição subordinada, não apenas em relação aos homens, mas também frente a uma estrutura social que enfatiza valores e práticas patriarcais. A reprodução desse sistema se dá através de uma lógica cultural que naturaliza a submissão e a violência, tornando-as invisíveis.

Heleieth Saffioti (2015) complementa esses entendimentos ao enfatizar a necessidade de uma análise interseccional que considere não apenas a questão de gênero, mas também a raça, classe e sexualidade na configuração das relações de poder. A sua obra nos convida a refletir sobre a diversidade das experiências femininas e as múltiplas formas de resistência que emergem diante da opressão. Saffioti destaca que a luta contra a violência de gênero deve ser uma luta coletiva, que une mulheres de diferentes contextos em uma busca por liberdade e igualdade.

Portanto, ao final desta monografia, é evidente que a violência de gênero e a submissão feminina são questões profundamente enraizadas em estruturas sociais complexas e históricas. A partir da reflexão crítica proporcionada pelos autores citados, fica claro que, para efetivar mudanças significativas, é crucial desconstruir esses sistemas de opressão, promovendo uma educação que incentive a autonomia e a igualdade, bem como o fortalecimento de políticas públicas que garantam a

proteção e o empoderamento das mulheres.

Nós, como sociedade, devemos reconhecer o valor inestimável de cada mulher e trabalhar para que suas vozes sejam ouvidas, suas conquistas reconhecidas e suas demandas atendidas. É hora de romper com o patriarcado, de construir uma sociedade justa e igualitária, onde todas as mulheres possam prosperar em liberdade e segurança. Hoje e sempre, celebremos as conquistas e a resiliência das mulheres. Juntas, desafiaremos a sociedade patriarcal, construiremos um futuro onde todas as mulheres possam florescer.

Diante das considerações aqui tecidas, urge o compromisso coletivo em dismantelar as relações de poder que perpetuam a violência de gênero, garantindo um futuro em que a equidade seja uma realidade, não apenas um ideal. A luta continua, e cabe a todos nós – indivíduos, comunidades, instituições e organizações – buscar e construir um mundo onde a liberdade e o respeito sejam direitos universais e inalienáveis.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. 8 ed. Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos).
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução Sérgio Milliet. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 2, 2016a.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução Sérgio Milliet. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 1, 2016b.
- BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE PAULISTA, UNIP. **Guia de normalização para apresentação de trabalhos acadêmicos da Universidade Paulista**: ABNT. São Paulo: UNIP, 2024.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução João F. de Almeida. São Paulo: Vida Nova, 1996.
- EL SAADAWI, Nawal. **A face oculta de Eva**: as mulheres do mundo árabe. Tradução Sarah Gierztel Rubin, Therezinha Ebert Gomes e Elisabeth Mara Pow. 2 ed. São Paulo: Global, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.
- GROSSI, Miriam Pillar. **Masculinidades**: uma revisão teórica. Florianópolis: UFSC, 2004.
- HOMERO. **Odisséia**. Tradução Manoel Odorico Mendes. São Paulo: Montecristo, 2022. (Clássicos da Literatura Universal).
- LAGUARDIA, Angela Maria Rodrigues. **Clarice Lispector e Inês Pedrosa**: aproximações. Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2017. 260 p.
- LAGUARDIA, Angela Maria Rodrigues. **Fazes-me falta, de Inês Pedrosa: uma alegoria contemporânea da “saudade**. Belo Horizonte, f. 126, 2007 Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- LAURETIS, Tereza de. **A tecnologia do gênero**: In: HOLLANDA, H. B. de. Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-239p.
- MAOMÉ. **O Alcorão**. Tradução Mansour Challita. 11 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

NARAIN, Vrinda; SADEGHI, Fatemeh. **Mahsa Amini: entenda como a morte de uma jovem despertou protestos no Irã**: In: Galileu. [S.l.], 28 set. 2022. Disponível em: Mahsa Amini: entenda como a morte de uma jovem despertou protestos no Irã - Revista Galileu | História (globo.com) Acesso em: 14, jul. 2024.

PEDROSA, Inês. **Dentro de ti ver o mar**. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

RUSSO, Renata. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo de Pinhal, v. 5, n. 6, p. 80-90, jan./jun., 2005.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCHILDER, Paul. **A imagem do corpo**: as energias construtivas da psique. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TAVARES, M. da C. G.; CUNHA, F. **Imagem corporal**: conceito e desenvolvimento. São Paulo: Manole, 2003.